



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Faculdade de Engenharia

# **Educar para o Design**

## **"Relatório Curricular Profissional"**

**Paula Sofia Antunes Constantino Vaz**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Design Industrial e Tecnológico**  
(2º ciclo de estudos)

**Covilhã, Outubro de 2011**





## Dedicatória

Ao António, e aos nossos filhos, Luis e Pedro,

pelo apoio incondicional, pela compreensão, paciência e incentivo, muitas vezes expansivo, outras vezes silencioso e mesmo assim, tão presente.





## Agradecimentos

Os meus agradecimentos são extensivos a todos aqueles que, directa e indirectamente, contribuíram para que pudesse materializar este Relatório Profissional e concluir o 2º Ciclo de Estudos.

Aos meus alunos, parceiros de trabalho, professores e funcionários do Agrupamento de Escolas que partilharam comigo, aprendizagens, saberes e vivências nos últimos cinco anos lectivos.

Agradeço ao Agrupamento de Escolas do Sabugal: à Escola do 2º e 3º Ciclos do Sabugal e à Escola Secundária do Sabugal.

Ao Professor Doutor, Denis Coelho pela disponibilidade e orientações.





## Resumo

O Design é um modo de vida!

Não é simplesmente mais uma disciplina mas um factor determinante na minha forma de ser e de estar.

É um conceito que assimila multidisciplinaridades. Para se progredir nesta área é necessário interiorizar uma postura de acção, de atitude, de confronto perante os problemas, de definir estratégias, de procurar soluções. É também experimentar, desenhar, projectar, sentir, construir modelos, fazer protótipos, testar, efectivar adaptações. Para alcançar o sucesso é essencial ser perseverante, empreender e inovar.

A tentativa e a acção conduzem-nos frequentemente ao erro. Com o erro também se aprende sendo o verdadeiro desafio, superá-lo, transformando-se numa conquista. Agir, em vez de pactuar com a passividade, como se de um compromisso se tratasse. Os erros fazem parte da escola e da aprendizagem da Vida. Quando ultrapassados são sinais de evolução ou desenvolvimento, tendo como objectivo retirar destas tentativas o maior conhecimento possível, para aplicar em projectos futuros.

O presente Relatório Profissional espelha o porquê do meu percurso académico, das minhas opções ou orientações profissionais. A minha relação com o Design e com o ensino foi uma experiência cumulativa de anos nesta prática modificando, o que penso e conseqüentemente o que sou. Este facto despoletou a procura, refinando o acto de integrar a tecnologia para além do desenho a consolidar saberes, aprendendo comigo e com os outros.

## Palavras-chave

Ensino, Design, Aprendizagem e Tecnologia.





## Abstract

"Design is a way of life!"

It is not simply yet another discipline but it is a determining factor in my way of being and living.

It is a concept that assimilates multidisciplinary. To make progress in this area it is necessary to internalize an action posture, an attitude of confrontation towards problems, to define strategies, to seek solutions. It is also experience, drawing, drafting, feeling, building models, prototyping, testing, making adjustments. To achieve success it is essential to be persevering, to be undertaking and to innovate.

Trial and action frequently lead us to error. With the error the real challenge is also learn, overcome, becoming a conquest. The prime of acting, rather than condoning passiveness, as if a compromise were at stake. Errors are part of the school and learning of life. When surpassed, they become signs of evolution or development, with the aim of gathering the greatest possible amount of knowledge from these attempts, for applying in future projects.

This Professional Report mirrors the why of my academic record, a more accurate reflection of my options or professional guidelines. My relationship with Design and teaching was a cumulative experience of years in this practice, modifying what I think and consequently what I am. This fact triggered the search, refining the Act of integrating technology in addition to drawing, in order to consolidate knowledge, learning with myself and with the others.

## Keywords

Teaching, Design, Learning and Technology.





# Índice

|  |    |
|--|----|
| <b>Capítulo I</b>  | 1  |
| <b>1. Atividade como Designer</b>  | 1  |
| <b>Introdução</b>  | 1  |
| 1.1. Atividade como Designer   | 1  |
| <br>   |    |
| <b>Capítulo II</b>   | 13 |
| <b>2. Educar para o Design</b>   | 13 |
| <b>Introdução</b>  | 13 |
| 2.1. O ensino do Design  | 13 |
| 2.2. A importância do desenho no Design                                  | 15 |
| 2.2.3. O uso da tecnologia na escola, em sala de aula                    | 19 |
| <br>   |    |
| <b>Capítulo III</b>  | 21 |
| <b>3. Actividade profissional: Docente</b>                               | 21 |
| <b>Introdução</b>  | 21 |
| 3.1. Situação: Provisória - Contrato Anual com termo certo               | 21 |
| 3.2. Os Ciclos de Ensino   | 22 |
| 3.2.1. Ensino Básico   | 22 |
| 3.2.2. Ensino Secundário   | 22 |
| 3.2.2.1 Cursos Profissionais   | 22 |
| 3.3. A Educação é um direito e um dever!                                 | 23 |
| 3.4. Docente do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Secundário             | 25 |
| 3.4.1. Horário Semanal 2010/2011   | 25 |
| 3.4.2. Caracterização do Meio  | 27 |
| 3.4.3. Caracterização da Escola/Agrupamento Escolar                      | 28 |
| 3.4.4. Serviço atribuído   | 29 |
| 3.4.4. a) Cargo atribuído : Direção de Turma                             | 34 |
| 3.4.5. Caracterização das turmas (datada de Maio 2011)                   | 35 |
| 3.4.6. Sucesso/Insucesso escolar às disciplinas leccionadas - Resultados | 43 |
| <b>Síntese Conclusiva</b>  | 55 |
| <b>Índice de Anexos</b>  | 56 |
| <b>WebGrafia</b>   | 57 |
| <b>Bibliografia</b>  | 58 |





## Lista de Figuras

*Figura 1. Catálogo da 1ª Exposição do Design Português, realizada em 1971. A 2ª exposição viria a realizar-se em 1973, Organizada pelo Núcleo de Design Industrial.*

*Figura 2. A segunda imagem pertence ao livro editado com um conjunto de textos, algumas fotos e ilustrações do 1º e 2º Catálogos.*

*Figura 3 e 4. Respectivamente, capa e interior da revista Binário, 19, Abril, 1960*

*Figura 5. Caracteres Móveis: Tipos de letra em madeira, mais tarde feitos em chumbo. Eram dispostos por linhas de texto nas “gavetas”;*

*Figura 6. A composição manual.*

*Figura 7. Planta de edifícios em Ozalid. A cor final e o cheiro do amoníaco eram característicos desta impressão*

*Figura 8. Os Móveis Olaio estavam ligados ao fabrico de mobiliário em madeira e seus derivados. Foi das primeiras empresas portuguesas a produzir mobiliário em série.*

*Figura 9. A Altamira possuía uma pequena fábrica no Estoril que rapidamente evoluiu para uma unidade mais industrial produzindo para o mercado residencial e mais tarde para empresas desenvolvendo mobiliário de escritório. O designer e empresário Cruz de Carvalho solicitava por diversas vezes a opinião e intervenção de João Constantino na idealização, seleção de projectos, materiais e processos de fabrico das peças.*

*Figura 10. Escantilhão de curvas;*

*Figura 11. Escantilhão de elipses;*

*Figura 12. Estojo de compassos, com tira linhas, adaptador de canetas, prolongamentos e outros.*

*Figura 13. Selecção de cores em Pantone - cor 3385U;*

*Figura 14. Famílias de letras no Catálogo Anual de Lettering da Mecanorma da Fernandes, Papelaria em Lisboa;*

*Figura 15. As letras eram decalcadas uma a uma na folha de trabalho.*

*Figura 16. “O Design está “in”. É uma jornada que se faz à auto-descoberta. É o nosso pensamento transformado em realidade.*

*Figura 17. “O Design é uma tentativa persistente” Estas imagens representam um breve exemplo de imagens utilizadas em sala de aula para promover a discussão e debate de ideias sobre o Design (9ºs anos - Disciplina de Educação Visual).*



*Figura 18. Do lado esquerdo, o Hemisfério Lógico. Do lado direito, o Criativo. Do lado esquerdo a imagem - real. O corpo caloso permite que um hemisfério saiba o que o outro está a fazer. Do lado esquerdo a representação de elemento natural, árvore e uma Árvore Solar, MAK, Viena de Áustria da autoria de Ross Lovegrove em parceria com a Artemide e a Sharp Solar.*

Figura 19. Desenho de Leonardo da Vinci, “O Homem Vitruviano”. As ideias de proporção e simetria aplicadas à concepção do Homem.

Figura 20. Sistema de medição das proporções do corpo humano idealizado por Le Corbusier.

*Figura 21. Vista aérea da Cidade do Sabugal*

*Figura 22. Entrada Principal da Escola Básica do 2º e 3º Ciclos do Sabugal*

*Figura 23. A turma do 8º ano, Turma A e a Professora/Directora de Turma no exterior da Escola Secundária do Sabugal.*



## Lista de Tabelas

Tabela 1. Ano lectivo 2010/2011

Tabela 2. Descrição do total do número de alunos, Professores e Funcionários

Tabela 3. Descrição do número de turmas atribuídas por Ciclo e por disciplina.

Tabela 4. Discriminação das disciplinas por Escola e denominação das turmas.

Tabela 5. Actividade Profissional Lectiva, distribuída no Ano Escolar 2010/2011 (35 horas semanais)

Tabela 6. Idades dos Alunos (Dados referentes ao início do Ano Lectivo: Setembro 2010)

Tabela 7. Idades por sexo/ciclo. Os rapazes estão em maioria.

Tabela 8. Número de alunos por sexo em 104 alunos (repartidos por 7 turmas).

Tabela 9. Horário do cargo de Direcção de Turma e disciplinas leccionadas à turma do 8ºA.

Horário Ano Lectivo 2010/2011, em Anexos.

Tabela 10. Funções da Directora de turma

Tabela 11. Competências do Cargo de Directora de Turma

Tabela 12. Avaliação qualitativa à disciplina de Área-Projecto do 5ºB.

Tabela 13. Avaliação Quantitativa à disciplina de Área-Projecto da turma 6ºB.

Tabela 14. Avaliações às disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica da turma 7ºC.

Gráfico 15. Os resultados a Educação Visual, foram considerados Bons, atendendo às circunstâncias dos alunos do 7ºC.

Tabela 16. Avaliações à disciplinas Educação Visual da turma 9ºB.

Tabela 17. Avaliações à disciplinas Educação Visual da turma 9ºC.

Tabela 18. Avaliação por Módulos à disciplina de Gestão e Produção de Eventos. Todos os alunos concluíram o Curso de Técnicos de Organização de Eventos.



## Lista de Gráficos

*Gráfico 1. Número de turmas por Ciclo. O 3º Ciclo corresponde ao grupo 600 - Artes Visuais*

*Gráfico 2. Percentagem por disciplinas leccionadas. A maior percentagem corresponde a Educação Visual, disciplina leccionada no 3º ciclo e que pertence ao grupo 600 - Artes Visuais.*

*Gráfico 3. Idades percentuais dos alunos.*

*Gráfico 4. Percentagem de alunos por sexo.*

*Gráfico 5. Percentagem por sexo da turma B do 5ºano.*

*Gráfico 6. Percentagem por sexo da turma B do 6ºano.*

*Gráfico 7. Percentagem por sexo da turma C do 7ºano.*

*Gráfico 8. Percentagem por sexo à turma de A do 8ºano.*

*Gráfico 9. Percentagem por sexo da turma B do 9ºano.*

*Gráfico 10. Percentagem por sexo da turma C do 9ºano.*

*Gráfico 11. Percentagem por sexo da turma de TOE*

*Gráfico 12. O nº de alunos do 5ºB com a menção quantitativa de Satisfaz Bem no final do ano lectivo é de 15 para 5, com a menção de Satisfaz. O Balanço foi positivo.*

*Gráfico 13. O nº de alunos com a menção quantitativa de Satisfaz Bem no final do ano lectivo é de 11 para 7, com a menção de Satisfaz. O Balanço é positivo.*

*Gráfico 14. Os alunos do 7ºC, conseguiram atingir as competências da disciplina.*

*Gráfico 15. Os resultados a Educação Visual, foram considerados Bons, atendendo às circunstâncias dos alunos do 7ºC.*

*Gráfico 16. A maioria dos alunos da turma A, 8º ano teve nível 3.*

*Gráfico 17. Os resultados foram considerados Muito Bons, a Formação Cívica, 8ºA. Gráfico 18. Os resultados foram positivos à disciplina de Educação Visual.*

*Gráfico 18. Os resultados foram positivos à disciplina de Educação Visual.*

*Gráfico 19. Os resultados bastante positivos à disciplina de Educação Visual.*



## Lista de Acrónimos

|              |   |
|--------------|---|
| <b>AIP</b>   | Associação Industrial Portuguesa.   |
| <b>APD</b>   | Associação Portuguesa de Designers  |
| <b>CAD</b>   | Computer-aided design   |
| <b>CCDR</b>  | Comissão de Coordenação e desenvolvimento Regional do Centro  |
| <b>CDT</b>   | Correio Directo e Telemarketing   |
| <b>CEF</b>   | Cursos de Educação e Formação de jovens   |
| <b>CET</b>   | Cursos de Especialização Tecnológica  |
| <b>CP</b>    | Comboios de Portugal  |
| <b>CPP</b>   | Centro Português de Design  |
| <b>ESAD</b>  | Escola Superior de Artes Decorativas - Fundação Ricardo Espírito Santo  |
| <b>ESBAL</b> | Escola Superior de Belas Artes de Lisboa  |
| <b>FAUTL</b> | Faculdade de Arquitectura (FA) da Universidade Técnica de Lisboa - Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design   |
| <b>FFE</b>   | Fundo de Fomento de Exportação  |
| <b>FIL</b>   | Feira Internacional de Lisboa   |
| <b>IADE</b>  | Escola Superior de Design ou Antigo Instituto de Arte e Design de Equipamento Geral   |
| <b>INE</b>   | Instituto Nacional de Estatística   |
| <b>INII</b>  | Instituto Nacional de Investigação Industrial   |
| <b>ISLA</b>  | Instituto Superior de Línguas e Administração   |
| <b>LID</b>   | Laboratório de Design e Inovação  |
| <b>LSE</b>   | Lei de Bases do Sistema Educativo   |
| <b>NAA</b>   | Núcleo de Arte e Arquitectura   |
| <b>NEE</b>   | Alunos com Necessidades Educativas Especiais, integrados no ensino normal (regime normal). Sujeitos a uma Modalidade especial de educação escolar, avaliação e apoio. |
| <b>OCDE</b>  | Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico   |
| <b>PCT</b>   | Projecto Curricular de Turma  |



- QZP** Quadro de Zona Pedagógica. Professores do Quadro mas que pertencem a uma Zona do País sem colocação nos quadros de uma Escola.
- RSF** Resposta Sem Franquia - tem como funcionalidade criar apetência e oportunidade de resposta. É um suporte de resposta que pressupõe a sua inclusão na peça a enviar ao destinatário (bilhete postal ou envelope), onde este terá a oportunidade de responder e comunicar com a marca.
- SPA** Sociedade Portuguesa de Autores
- TIC** Tecnologias da Informação e da Comunicação
- UBI** Universidade da Beira Interior
- UNL** Universidade Nova de Lisboa



## Glossário

**Arte-final** - Finalização técnica de uma peça de design gráfico ou publicidade para o fim a que se destina (embalagem, impressão digital, offset, serigrafia, jornal, revista, entre outros). O seu suporte e execução pode influenciar tecnicamente o resultado final.

**Fotolito** - É uma chapa de metal com imagens fotolitográficas. Um jogo de filmes, positivos ou negativos, para impressão.

**Litógrafo/Litografia** - Aquele que imprime segundo os processos da litografia. A litografia reproduz desenhos pela impressão executados com um corpo gorduroso em pedra calcária.

**Logótipo** - Nome de uma marca, representado graficamente pela selecção e aplicação de elementos gráficos singulares.

**Maquetização** - Elaboração de maquetes de modo manual. A maquete é um esboço do trabalho final. Em 3D pode implicar redução de escala e têm como objetivo possibilitar a visualização de objetos, construções, paisagens ou mesmo criações fictícias, entre outras.

**Offset** - Técnica de impressão que veio substituir a Litografia. Este processo assegura a qualidade para médias e grandes tiragens.

**Ozalid** - É um tipo de papel usado para imprimir provas tipográficas no processo de impressão offset monocromático clássico. A exposição a luz ultravioleta e a gás amoníaco, resulta num processo químico, o que permite reproduzir a imagem a preto e branco de um original negativo em fotolito (também chamado "filme"), em papel vegetal ou outro tipo de transparência.

**Protótipo** - É um produto, que ainda não foi consumido, comercializado. Está em fase de testes.

**Serigrafia** - É um processo de impressão utilizado em vários tipos de materiais, superfícies, espessuras ou tamanhos, com diversos tipos de tintas ou cores. Pode ser feita de forma mecânica (por pessoas) ou automática (por máquinas).

**Tipográfico** - Aquele que faz tipografia. A tipografia é o processo de criação na composição de um texto, manual ou digitalmente que permite dar forma e ordem estrutural à comunicação impressa.





# Capítulo I

## 1. Atividade como Designer

### Introdução

Este Capítulo descreve o percurso da minha actividade profissional como designer depois de concluir na década de 80, o curso de três anos (Bacharel) no IADE - Instituto de Arte, Design e Equipamento Geral. Enuncio as motivações que me conduziram à opção desta profissão, ainda pouco divulgada e consolidada. Após ter tido durante anos, a experiência da relação atribulada do design com o mercado português e de usufruir do privilégio de trabalhar no âmbito do Design Industrial, do Design Gráfico e de Interiores, estou certa de ter deixado um cunho pessoal, ainda que frugal entre produtos e serviços materializados.

#### 1.1. Atividade como Designer

A minha actividade profissional como designer teve início no ano de 1989, em Lisboa. Optei por esta profissão influenciada pelo meu progenitor, João Constantino<sup>1</sup>, que foi docente na Escola de Artes Decorativas, António Arroio, em Lisboa e precursor do Design em Portugal.

Vítor da Silva<sup>2</sup>, seu colega e meu professor, também na Escola de Artes Decorativas António Arroio, o qual desenvolveu intensa actividade nas áreas do design gráfico e do design tipográfico, afiançava aos seus alunos que ser “designer” era então, uma profissão do futuro.

---

<sup>1</sup> Constantino, José João (1940 - 1999). Designer, crítico de Design, professor, jornalista (colaborou durante muitos anos no Jornal de Turismo “Publituris”, do qual foi Chefe de Redacção), desenhador, ilustrador, decorador, entre outras actividades. Frequentou o Curso Industrial e concluiu o Curso de Pintura da Escola de Artes Decorativas António Arroio. Colaborou com a revista “Volante”, “Guia da Habitação”, “Indústria Portuguesa”, “Escola Portuguesa” entre outras. Frequentou a Escola Superior de Belas Artes de Lisboa sem concluir o curso. Cedo começou a trabalhar na indústria de mobiliário. Desde 1971, subscreveu com regularidade a secção de “Design” na Revista “Binário” do qual também foi Chefe de Redacção. Trabalhou e escreveu para a Revista “Viajar”. Foi quem sugeriu e um dos organizadores da 1ª Exposição de Design Português, na FIL. Colaborou em ateliês de arquitectura e com vários decoradores. Como crítico, participava frequentemente em publicações de design, e de Redator das Revistas de Decoração “Casa e Jardim” e “Casa e Decoração” do qual foi também Chefe de Redacção. Projectou e concebeu stands. Tem centenas de artigos publicados em Revistas e Jornais. Criou a empresa de Comunicação escrita e Visual, “J. C. Constantino”. Publicou livros, “Bibliografia do Cinema”, “Aníbal Contreras”, “Lisboa Filme - Um sonho vencido”, “As vistas aéreas da Cidade de Lisboa” entre outras publicações menores como o “Opúsculos, Prontuário das Siglas de Economia”. Colaborou com a Cinemateca Portuguesa, em conjunto com o Diretor Luis de Pina. Individualmente, fez decorações e trabalhou para a Altamira, Olaio, Interforma, Dimensão, Fima-Lever, entre outras. Foi sócio da APD e colaborou com o CPP. Está citado no *Bulletin de Création Industrielle*, Centre George Pompidou, Paris.

<sup>2</sup> Silva, Vítor da (n. 1932). Frequentou a Escola Machado de Castro e a Escola de Artes Decorativas António Arroio, onde completou o Curso de Desenhador-Litógrafo. Completou, também, no London College of Printing, o Curso de Graphic Design, durante o qual foi distinguido com o 1º Prémio Internacional Layton Student Award (Londres, 1963). Bacharel em Design de Comunicação pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Foi professor do Sector Gráfico da Escola António Arroio. A actividade docente repartiu-a esporadicamente por outros estabelecimentos de ensino (ISLA, IADE, etc.). Professor



Em meados dos anos 60, em Portugal, não se falava de Design, mas sim de uma nova disciplina: Estética Industrial. “A institucionalização do Design em Portugal foi um processo sistémico com múltiplas dimensões e com variados actores. (...) a actividade de ensino do design foi iniciada, de uma forma sistemática, em 1969. Em Portugal demorou a haver uma formação académica na área do design - a primeira foi no ensino particular - IADE.”, mencionou Victor Almeida<sup>3</sup>. O tema da sua investigação comprometeu-se com os percursos de institucionalização do design português e, nessa perspectiva, da actividade na época do INII - Instituto Nacional de Investigação Industrial. A ordem política da época pretendia propagar o design pelas empresas portuguesas e consequentemente fazer evoluir a indústria.



Figura 1. Catálogo da 1ª Exposição do Design Português, realizada em 1971. A 2ª exposição viria a realizar-se em 1973, Organizada pelo Núcleo de Design Industrial.

Figura 2. A segunda imagem pertence ao livro editado com um conjunto de textos, algumas fotos e ilustrações do 1º e 2º Catálogos.

Em Lisboa, na primavera de 1971 ter-se-ia realizado a 1ª exposição de design Português, na Feira Internacional de Lisboa, na Praça das Indústrias realizada pelo INII e pela Interforma, Equipamento de Interiores, Lda (empresa de Mobiliário), com o patrocínio do FFE - Fundo de Fomento de Exportação e da AIP - Associação Industrial Portuguesa.

Reproduzo aqui um breve excerto de uma das muitas entrevistas nos anexos desta última enunciação, que Almeida realizou a Maria Helena Matos<sup>4</sup>:

---

de Desenho Gráfico, desde 1992, na Escola Superior de Comunicação Social. Desenvolveu intensa actividade nas áreas do design gráfico e do design tipográfico.

<sup>3</sup> *O Design em Portugal, Um tempo e um Modo*, 2009, p. 36/ Anexos.

**Almeida**, Victor Manuel (...). Doutorando, lecciona na Universidade de Lisboa - Faculdade de Belas-Artes.

<sup>4</sup> (Almeida, 2009) p. 59/ Anexos.

**Matos**, Maria Helena (n. 1924) - Designer, fez parte da Direcção do Núcleo de Arte e Arquitectura e do INII - Núcleo de Design Industrial. Bolseira da Fundação Calouste de Gulbenkian.



*“Almeida (2009) - Estávamos a falar da 1ª Exposição de Design Português organizada pelo Cruz de Carvalho<sup>5</sup> e pelo João Constantino. A exposição pelos vistos superou as expectativas do INII.*

*Matos - Sim. Tivemos visitas de escolas (porque divulgámos) e começou a mexer-se e a falar do assunto.”*

Na introdução do Catálogo da exposição, Frederico George<sup>6</sup>, escreveu: *“A atividade do design não é por natureza produto de importação mas decorrente da capacidade artesanal, conhecimento tecnológico e capacidade industrial de um determinado país.”* O mercado despertava para a emancipação de uma profissão impulsionada quer pelo crescimento industrial, quer pela emergência de uma sociedade de consumo. Da dita exposição faziam parte objectos de design industrial e um conjunto considerável de logótipos e marcas - design gráfico.

José Bártolo<sup>7</sup>, assinala em meados da década de 70, a propósito do Design português: *“Encontramos, num conjunto vasto de textos, duas preocupações recorrentes: a afirmação do “lugar do design”, procurando afirmar a autonomia da disciplina relativamente a outras áreas de produção artística ou industrial; a sua definição crítica, procurando estabelecer um programa orientador da prática do design.”* Bártolo refere, ainda subordinado à história do Design português (...) *É também importante lembrar que o corpus teórico sobre design produzido em Portugal durante esse período anterior à revolução surgiu sobretudo nas páginas dos jornais e revistas. Recordo, por exemplo (...) a Binário (uma revista) onde João Constantino publicou, com grande regularidade, textos de crítica de design; a evolução tipográfica bem expressa nos logótipos desse período desenhados por João Constantino.”*

---

<sup>5</sup> **Carvalho**, José Cruz de (n. 1930). Participou, na qualidade de curador (juntamente com João Constantino), na 1ª Exposição de Design Português, em 1971. Designer - empresário da empresa de mobiliário - Altamira.

<sup>6</sup> “Catálogo da 1ª Exposição de Design Português”, Feira Internacional de Lisboa, 1971, Imprimarte, p.9

Pintor e arquiteto português, (1915 - 1994), Lisboa. Estudou na Escola de Belas Artes de Lisboa e trabalhou na Exposição do Mundo Português (1940). Foi o autor dos projetos do Museu da Marinha e do Planetário Calouste Gulbenkian, ambos em Belém, Lisboa.

<sup>7</sup> “Reactor”, Blog.

**Bártolo**, José (n.1972). Foi meu professor no IADE - Escola Superior de Design, à Disciplina de Design Management no ano lectivo de 2005/2006. É professor Coordenador e Presidente do Conselho Científico da Escola Superior de Artes e Design. Doutorado em Ciências da Comunicação (UNL/2006) com Dissertação intitulada *O Corpo Tecnológico: Uma Abordagem Intersemiótica*; Mestre em Estética (UNL/1999) e Licenciado em Filosofia (UNL/1994). Colabora ou colaborou, entre outras instituições, como o IADE, ExperimentaDesign, e British Council. Autor do blogue “Reactor” é membro do conselho editorial das revistas “Resdomus” e Revista de “Comunicação e Linguagens”. Os seus interesses de investigação, docência e curadoria abrangem os campos da teoria da linguagem, narrativas disruptivas, dispositivos políticos contemporâneos e na análise dos processos colaborativos na arte e design contemporâneos.



Figura 3. e 4. Respectivamente, capa e interior da revista Binário, 19, Abril, 1960  
<http://reactor-reactor.blogspot.com/2008/03/portugal-material-de-propaganda-da-s.html>

Já se vislumbrava a separação de áreas nesta disciplina. O design industrial como uma actividade preocupada na identificação e solução de problemas, especializada, associada à criação e produção de objectos por um processo projetual, sistematizado que estabelecia uma relação nunca antes vista entre a indústria e o consumidor. O design gráfico estendia-se então à proliferação de jornais, embalagens, obras bibliográficas, marcas, rótulos, logótipos, imagens e linhas gráficas comerciais e particulares, mas a sua reprodução assentava na produção industrial.



Figura 5. Caracteres Móveis: Tipos de letra em madeira, mais tarde feitos em chumbo. Eram dispostos por linhas de texto nas “gavetas”;

Figura 6. A composição manual.

Fora ainda nos anos 70, que me habituara a observar os tipógrafos a executar a composição manual de páginas, a perceber o movimento de máquinas. A ouvir o som rotativo e cadenciado dos engenhos de impressão tipográfica, a identificar a *litografia*, os cheiros das tintas de impressão na revisão de provas ainda fresca de logótipos, de embalagens e das velhas *ozalids* nas visitas esporádicas às gráficas da época, que fazia junto com o meu progenitor.

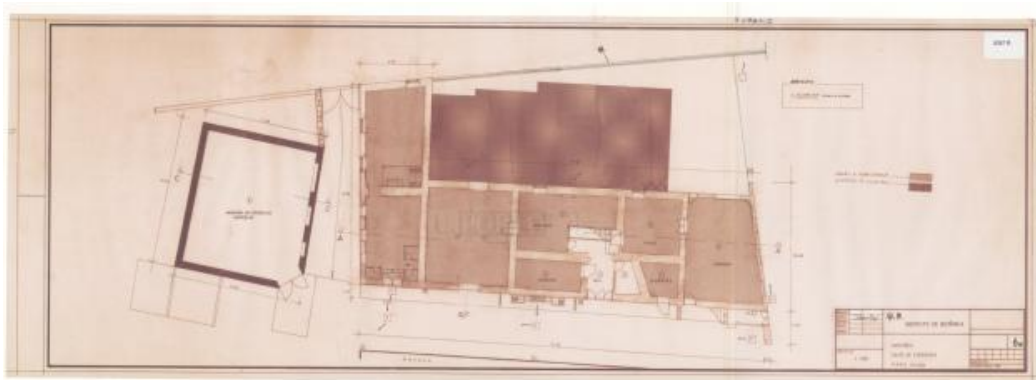


Figura 7. Planta de edifícios em Ozalid. A cor final e o cheiro do amoníaco eram característicos desta impressão.

Costumava observá-lo, no seu velho mas robusto estirador de madeira, a ilustrar ou a paginar para uma revista, a fazer uma *arte final*, um postal ilustrado, a executar um logótipo para uma firma farmacêutica (Andrade ou Rousseaux), a projectar uma peça de mobiliário para a Graça Viterbo<sup>8</sup> ou uma cadeira para a inauguração de uma discoteca assinada por Maria José Salavisa<sup>9</sup>, ambas decoradoras reconhecidas no mercado português.

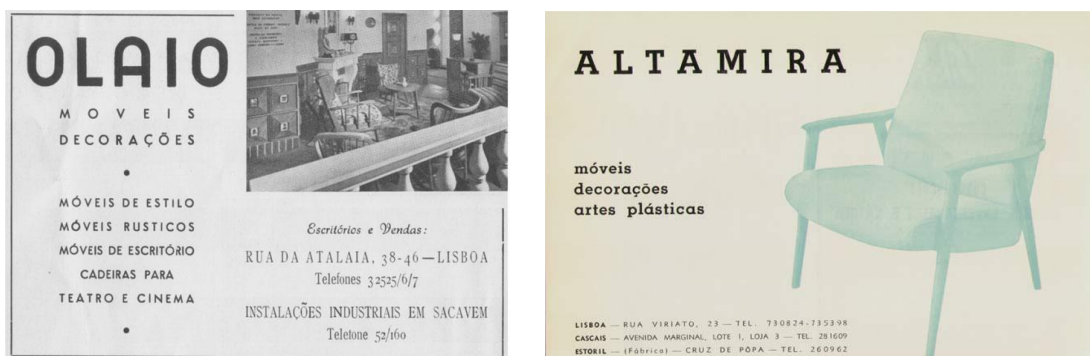


Figura 8. Os Móveis Olaio estavam ligados ao fabrico de mobiliário em madeira e seus derivados. Foi das primeiras empresas portuguesas a produzir mobiliário em série.

Figura 9. A Altamira possuía uma pequena fábrica no Estoril que rapidamente evoluiu para uma unidade mais industrial produzindo para o mercado residencial e mais tarde para empresas desenvolvendo mobiliário de escritório. O designer e empresário Cruz de Carvalho solicitava por diversas vezes a opinião e intervenção de João Constantino na idealização, seleção de projectos, materiais e processos de fabrico das peças.

<sup>8</sup> Salavisa, Maria José (1925 - 2006). Arquitecta e decoradora de interiores, nasceu e morreu em Lisboa, após uma intervenção cirúrgica. Salavisa, considerada pioneira da decoração em Portugal, foi, nos anos 60, uma das primeiras (os) alunos formados em Artes Decorativas e História dos Estilos em Mobiliários pela Fundação Ricardo Espírito Santo. Entre as obras mais marcantes da decoradora destacam-se a decoração da discoteca Kapital, do restaurante Kais e do salão nobre do Teatro da Trindade, todos em Lisboa, assim como o campo de golfe da Vitória, em Vilamoura.

<sup>9</sup> Viterbo, Graça (...). Fundou o seu ateliê na década de 70. É uma “marca” reconhecida no Design de Interiores em Portugal. Trabalha à aproximadamente 40 anos, no país e no estrangeiro, tendo sido reconhecida com um número considerável de prémios.



Ele idealizava e executava peças essencialmente orientadas para o Design de Produto neste campo do Design de Equipamento. Contudo, também desenhava e projectava inúmeras linhas de mobiliário e peças orientadas para o Design Industrial cujas empresas portuguesas como a Móveis Olaio e Altamira fabricavam em série, quantidades industriais.

Quando em 1989 concluí o Curso de Bacharelato no IADE - Instituto de Artes e de Equipamento, em Design Gráfico questionavam-me nas entrevistas de primeiro emprego: “Tem um curso de «*dizaine*» ou de desenho?”. A maioria dos empresários ou responsáveis por empresas desconhecia ainda o papel de um designer em Portugal, e infelizmente tal situação ainda se verifica no mercado de trabalho actual, ainda que pontualmente. No final dos anos 80, iniciei a minha actividade como designer gráfica/ilustradora numa empresa exclusivamente dedicada a publicidade em postais RSF, denominada CDT - Correio Directo e Telemarketing, em Lisboa. Os postais (publicidade de curta duração) eram produzidos industrialmente em tiragens elevadas na gráfica, aparados, separados segundo públicos-alvo, depois empacotados e selados, sendo enviados mensalmente para os destinatários, empresas e privados mediante listagens (Base de dados) adquiridas pela CDT. De notar que nesse tempo, existiam poucos computadores e grande parte da maquetização<sup>4</sup>, artes finais, produção e distribuição eram realizados à mão.



Figura 10. Escantilhão de curvas;

Figura 11. Escantilhão de elipses;

Figura 12. Estojo de compassos, com tira linhas, adaptador de canetas, prolongamentos e outros.

Seguiu-se a revista “Casa & Decoração” na qual o meu pai também era colaborador/redator. Recordo os diversos instrumentos, princípios e regras com que trabalhava manualmente nas maquetas de paginação como Assistente gráfica. As cores eram indicadas à gráfica através de um código (ex: Pantone 3385U, na imagem inferior). Se era necessário uma maquete com mais rigor, para aprovação do cliente, eram utilizadas letras decalcáveis seleccionadas por famílias de letras, em Catálogos tais como a Mecanorma ou a Letraset adquiridas à folha A3, A4 ou menor que A5.



Figura 13. Selecção de cores em Pantone - cor 3385U;

Figura 14. Famílias de letras no Catálogo Anual de Lettering da Mecanorma da Fernandes, Papelaria em Lisboa;

Figura 15. As letras eram decalcadas uma a uma na folha de trabalho.

O trabalho de um designer era moroso e exigia grande rigor, paciência e criatividade. Actualmente as novas tecnologias vieram facilitar bastante a tarefa do design. Alguns clientes e industriais da época julgavam ser demasiado espontâneo o nosso trabalho, “É só fazer uns rabiscos, e já está.”, como se toda a tarefa de planificação e metodologia projetual, para idealizar um logótipo ou projetar uma peça de mobiliário, se gerasse num curto espaço de tempo.

A relação entre designers, empresários e industriais em Portugal foi (e continua a ser) incipiente. A APD - Associação Portuguesa de Designer, fundada em 1976, sem fins lucrativos é uma das entidades que tem procurado representar e difundir os níveis de competência e integridade profissional do Design assim como o CPD - Centro Português do Design.

Retomando ainda a investigação de Almeida<sup>1</sup>, numa outra entrevista realizada a Jorge Pacheco<sup>10</sup> destaco um parecer:

*“Pacheco - Os designers nunca estiveram a trabalhar, só excepcionalmente e os casos cabem nos dedos de uma mão nestes anos todos. Mas o grande equívoco é que o design a sério em Portugal nunca existiu. Há estas excepções: o Daciano, o caso da Centrel, o caso do Eduardo Afonso Dias<sup>11</sup>, o caso do (José) Santa Bárbara<sup>12</sup> num tempo*

<sup>10</sup> Citado por Almeida, “O Design em Portugal, Um tempo e um Modo”, p.211, Anexos.

Pacheco, Jorge (n.1941). Licenciado em Design Tridimensional pela Ravensbourne College of Art and Design de Londres. Iniciou a sua actividade de projectista e designer em Inglaterra, no início dos anos 70. O trabalho desenvolvido em Portugal acontece depois de 1974 e destaca-se a sua actividade na Centrel - telefones e na MAP - acessórios de casa de banho. Depois de 1976 foi assistente no Curso de Design de Equipamento da ESBAL e, mais tarde, convidado por Daciano da Costa para leccionar na FAUTL.

<sup>11</sup> Dias, Eduardo Afonso (...). É designer e professor de Projecto no curso de Design da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (desde 1995). É também responsável pelos mestrados e doutoramentos em Design, da mesma Universidade. É ainda consultor do Ministério da Educação para os Programas Académicos dos cursos Design, a nível nacional. É um dos coordenadores do LID - Laboratório de Design e Inovação da FA de Lisboa, sendo responsável pela área de "Investigação Aplicada na Indústria". Ganhou diversos prémios de design, entre os quais, o "Prémio Carreira" em 1992.



*muito curto... A gente nunca passou pela fase industrial para estar neste momento na fase pós-industrial. O que se passa é que os 2000 designers que saem das escolas todos os anos andam à toa para arranjar dinheiro, e então o que fazem? Fazem peças únicas que é “aquilo que podem fazer”. Se têm sorte arranjam um cliente que lhes compra a peça única se não ficam com ela em casa a apodrecer.*

*Almeida - Isso sempre aconteceu.*

*Pacheco - E foi a única coisa que aconteceu ao nível do design em Portugal. Qualquer das formas, significativa.*

*Almeida - Santa Bárbara disse que isso não é design.*

*Pacheco - A velha escola diz que isso não é design porque o design implica a existência de uma indústria. Implica uma produção em larga escala. Implica um consumo.”*

Discordo deste último parágrafo, e como afirmou Pacheco, a velha escola não denomina todo o processo de idealização, projecto, protótipo e produto, de uma ou meia dúzia de peças de design ainda que cumpram todos os requisitos. Já foi este o meu pensamento influenciado por conhecimentos académicos transmitidos ao longo de anos. Sendo assim, uma única peça de mobiliário não pode ser/ter design? O Design é uma actividade criativa que implica dar existência a alguma coisa nova e que não existia anteriormente, e tanto está presente numa cadeira reproduzida cinco vezes como a mesma peça em cinco mil.

Certo é que, a exclusiva actividade como designer não me preenchia na totalidade e à semelhança de outros colegas de curso tentei a colocação no Ensino, o que aconteceu em 1991, primeiro numa experiência de meses num Colégio Particular no Restelo em Lisboa, o “Externato Alfredo Binet” e prontamente recrutada pelo ensino Público, para a Escola do 2º Ciclo do Areeiro, em Lisboa. Mantive por alguns anos um trabalho em part-time na empresa CEGOC-TEA<sup>13</sup>, como designer gráfica na produção de folhetos, catálogos, entre outros, ao mesmo tempo que leccionava. A (nossa) empresa, Scala Design Lda., sediada em Lisboa prestava serviços a estas e a outras empresas como a Nacital SA, a Promeios e a Revista “Cadernos Económicos”. Já casada com o meu colega de curso, António Vaz<sup>14</sup>, realizámos

---

<sup>12</sup> **Bárbara**, José Santa (n. 1934) - Escultor de formação. Durante várias décadas foi responsável pela secção de design da CP - Comboios de Portugal, onde projectou, algumas composições ferroviárias ainda em circulação, além de outros objectos e o logótipo da empresa.

<sup>13</sup> **Cegoc-Tea** - Empresa portuguesa de Formação Intra e Inter-empresas, Consultadoria, Recrutamento e Selecção de Recursos Humanos. Pertence à Cegos (França) empresa líder de Formação Profissional e Contínua.

<sup>14</sup> **Vaz**, António. Designer. Concluiu o Bacharel no IADE - Instituto de Arte, Design e Equipamento Geral, em Design Industrial. Fundou a empresa Scala Design, em Lisboa. Realizou inúmeros trabalhos gráficos e implantações de mobiliário na Nacital, SA. Produziu trabalhos gráficos para a empresa e prestou apoio a Clientes. Foi Professor na



ainda trabalhos sob o jugo do Design Industrial e Design de Equipamento em parceria com as lojas de Mobiliário - Interni, Móveis Apolo e Larforma (as primeiras, sediadas na Almirante Reis e a última no largo do Jardim Cesário Verde), em Lisboa decorando e remodelando o(s) espaço(s), aconselhando e apresentando propostas de design a clientes, entre outros (Ver *Curriculum Vitae*, em Anexos). A nossa carteira de clientes e fornecedores era vasta e compreendia vários sectores de indústria, desde pequenas e média empresas, a grandes marcas do mercado português.

No trabalho realizado para a Nacital, através da Scala Design, prestámos diversos serviços na área do Design Industrial e Gráfico, numa componente bi-tridimensional. Esta actividade exigia o contacto com a indústria (fábrica), com a secção de Marketing e Vendas, com a Administração, com o Departamento Criativo e os restantes Recursos Humanos, próprios de uma empresa de grandes dimensões. As nossas ideias em papel, tomavam volumetria, na implantação de mobiliário, na consultoria, na adequação de materiais e adaptações no design de mobiliário. Nesta empresa, os objectos eram produzidos industrialmente através de uma cadeia de produção que exigia outras preocupações na estruturação dos diversos sectores de produção. Dentro da fábrica, cada sector disputava a procura dos seus serviços. Essas condicionantes industriais delimitavam frequentemente o resultado final, comparativamente ao pretendido, além das especificidades técnicas. Existia uma linha de montagem e cada peça era acoplada por partes que podiam incluir, o metal, a madeira, as tintas, os parafusos, o tampo da secretária ou um assento estofado da cadeira. O tempo na programação e definição dos procedimentos tomaram outra relevância em função dos custos inerentes. Numa linha de montagem o processo de fabrico e a sua integração eram alvo de um controle rigoroso, nas partes envolventes e no seu todo. O tempo era então um factor decisivo manifestando-se nos índices de produção e consequentemente na competitividade da empresa.

A relação de trabalho com a loja, Móveis Apolo era de consultoria, decoração e apoio a clientes. Para a Larforma idealizamos e projectamos sofás, cadeirões e afins. A Interni era uma empresa de mobiliário e decoração. Foi remodelada de base pela Scala Design, delineando o pavimento em pedra, conjugado com diversos tipos de madeira. As paredes e tecto foram substituídos por novos revestimentos. Fez-se a colocação de tectos falsos e foi constituído um projecto de iluminação que assentava num conceito diferente comparado à época, de luz ambiente, transparências da pedra (candeeiros de pé e de parede), projectores e lâmpadas de halogéneo, tendo em atenção a eficiência energética. Também projectamos linhas e novos conceitos de mobiliário (que diferiam do anterior, exposto). Foram fabricados

---

Escola Profissional Val do Rio, em Cascais e Oeiras. Trabalhou em Design Industrial, de Equipamento e de Produto com a Interni, Móveis Apolo e Larforma, na concepção, execução e produção de linhas e peças individuais de mobiliário para interior. Idealizou os sofás, “Parma e Lisboa”, produzidos industrialmente. Fez trabalhos de decoração em casa particulares e cooperativas. Concluiu o Curso de Formação de Formadores e prestou Formação na Antígona, na AIP - Associação Industrial Portuguesa, Progese, entre outras. Criou a empresa Sinal Mais, na Covilhã, Serviços Informáticos, Formação e Papelaria. É aluno de Mestrado na UBI.



quartos de casal, salas de jantar, aparadores e mesas para hall de entrada, móveis de escritório, uma sala de convívio e de jogos, sofás, algumas peças de produção limitada e demais objectos.

Desenvolvemos diversos protótipos. A passagem destes para a fase de produção industrial, sofreu frequentemente alterações em consequência dos processos de fabrico, dos materiais, das condições e limitações existentes na indústria. Alguns dos projectos não tiveram o sucesso desejado ou pretendido. Simplesmente, não tiveram aceitação por parte do público. Poderia aqui enumerar diversos factores, situação algo desprovida, contudo, prefiro evidenciar os produtos que se tornaram mais viáveis economicamente, pelas linhas, pela aparência ou pela combinação dos mesmos. Por mais projectos que se façam, existem os que resultam e os que não progridem. Agreguei ao meu conhecimento, o conceito da tentativa - erro de uma forma mais vincada.

Foi gratificante, os contactos directos que tivemos com as indústrias, fornecedores na área da madeira, da pedra, do metal, de determinados polímeros, dos tecidos (cortinados, tapetes, revestimentos), entre outros. O contacto visual e manifesto com que seleccionávamos materiais, despertou-me o interesse nestas áreas. Conhecer tipos de materiais, de resistências, de estruturas; reconhecer e comparar, tecidos, moldes, esponjas, cheiros. Nesse aspecto, trouxe-me um *know how* de diversidade de áreas, impossível de adquirir em meio académico.

É interessante expor a escassa relação entre as diversas áreas existentes das indústrias, desenvolvendo uma resistência quanto à disponibilização de conhecimentos para manter uma vantagem, comparativamente às empresas do mesmo sector. Por ter participado no desenvolvimento e na obtenção de determinados produtos, favoreceu a minha percepção sobre a composição e divisão no sector industrial, dividindo-se em pequenas, em médias e em grandes empresas. Estas últimas quando fabricam determinados modelos de mobiliário, são replicadas por empresas de menor estrutura e capacidade geradora de conhecimento.

A competitividade é um factor determinante. Existe pouca abertura por parte das empresas fomentando o culto do segredo a fim de evitar a concorrência.

A saída de Lisboa e a decisão de “abandonar” família, os empregos, a cidade onde nasci e todo um agregado de contactos, convivências e ligações aconteceu no Verão de 1996 por vontade própria ainda que, com alguma inquietação. Tínhamos em mente o Projecto Sinal Mais, Formação, Serviços Informáticos e Papelaria, na Covilhã, o qual deu relevo à comercialização de artigos e essencialmente a serviços relacionados com o Design Gráfico. Por outro lado, dediquei mais atenção ao Ensino.

As experiências em diversos níveis de ensino proporcionaram-me uma maior valência sobre o conhecimento geral do ensino como um todo, nas especificidades e nas características de cada um. Consegui ter um *feed-back*, estabelecendo uma linha condutora entre os vários



níveis de ensino. A passagem pela UBI - Universidade da Beira Interior, foi bastante positiva e proveitosa, independentemente de alguns conteúdos serem mais do interesse da própria instituição do que do aprendizado. O mesmo se verifica nos programas pré-estabelecidos pelo Ministério da Educação (Ciclos Básico e Secundário). Desenvolvi-me determinados horizontes até antes obscurecidos.

O sistema universitário é no entanto demasiadamente rígido, pouco orgânico e frequentemente muito fechado sobre si mesmo, contactando pouco com a realidade das empresas e do mercado português. Confundindo-se frequentemente o interesse como organização em detrimento das preocupações de quem lhes dá sentido e razão de existência.

Quando iniciei os estudos, o design gráfico tinha uma vertente mais vincada na área da Pintura e da Escultura, enquanto que o design industrial procurava similaridades com a arquitetura e a indústria. Hoje a palavra *design* já não é confundida com *desenho*. E este primeiro conceito está presente no nosso vocabulário. Acima de tudo é um termo que exprime a multidisciplinaridade.

Presentemente é discutido e abordado por profissionais, jornalistas, empresários, nas Instituições, nas Universidades, em sala de aula, em reuniões, colóquios, eventos, bienais ou exposições que têm como objectivo promover o design enquanto disciplina com base tecnológica, multidisciplinar, factor competitivo e diferenciador de produtos e serviços, das indústrias e das empresas.

Contudo, é do conhecimento público que em Portugal continua por existir uma programação curricular em design de modo regular, consistente e que outras áreas disciplinares insistam no aglutinamento deste, sem lhe atribuir uma identidade própria. Disciplinas exclusivas do conceito de Design, foram retiradas dos currículos do Ensino Secundário, como a “História do Design”, a “Arte e Design” e a “Teoria do Design” sem razão aparente à semelhança de outras atitudes não justificáveis pelo Ministério da Educação Português, mas felizmente prosseguem nas Universidades, Politécnicos e Institutos orientados nas práticas do Design.





## Capítulo II

# 2. Educar para o Design

### Introdução

“Só se pode aprender profundamente, ensinando.”

(Costa, 1998)<sup>15</sup>

O ensino do Design não é fácil. Os Programas dos 2º e 3º Ciclos, baseiam-se numa série de critérios e avaliações algo subjectivas. É preciso traçar objectivos, estabelecer competências, definir conteúdos aos diferentes níveis de ensino e de exigências, conforme as disciplinas, o grupo-turma e os alunos.

Aprendemos através da nossa experiência pessoal, através da descoberta de significados e significantes, na abordagem, identificação e resolução de problemas, na construção de conceitos, pela aprendizagem contemplativa e cooperativa, depois de erros e tentativas, na construção de identidades, atitudes e valores. Ensinar também é aprender!

#### 2.1. O ensino do Design

Para alunos de Ciclo Básico e Secundário, com faixas etárias compreendidas entre os dez e os dezoito anos (sensivelmente), as respostas quanto à pergunta “O que é o design? quando questionados são: “Não sei”; “O que é isso?”; “Não faço ideia!”, independentemente da idade ou contexto disciplinar em que esta seja inserida. Aos alunos, é difícil compreender o significado desta palavra estrangeira ainda que universal e que está presente em conceito teórico e prático, em tantas áreas das nossas vidas. “É algo que desenhamos? É algo que nos faz pensar? É uma ideia brilhante?”... questionam-se.

Aos grupos disciplinares onde esta temática é abordada em sala de aula, não correspondem o Departamento de Ciências, o Departamento de Línguas, o Departamento de Matemática ou qualquer outro Departamento de áreas não Curriculares. O Design está atribuído ao Departamento de Expressões, que engloba as Artes (Expressões: Dramática, Musical e Artes Visuais) e a Educação Física (Motricidade Humana: o domínio, bem estar e

---

<sup>15</sup> Publicado em “Design e Mal-estar”, 1998

Costa, Daciano da (1930 - 2005). Foi um arquiteto, pintor, professor e designer português. Colaborou com a Metalúrgica da Longra e fundou a empresa Risco. Foi professor convidado do Departamento de Arquitetura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, hoje Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, tendo sido nomeado professor catedrático do Departamento de Arte e Design, em 1992. Em 2002, foi coordenador científico do primeiro Curso de Mestrado em Design da Faculdade de Arquitetura.



conhecimento do próprio corpo). Os grupos disciplinares (grupos de professores por área disciplinar) que estudam e ensinam o tema em sala de aula são o grupo **240** - Educação Visual e Tecnológica (2º ciclo - 5º e 6º anos); o **600** - Artes Visuais, à disciplina de Educação Visual, entre outras (3º ciclo - 7º, 8º e 9º anos + Secundário - 10º, 11º e 12º em escolas vocacionadas) e o grupo **530** - Educação Tecnológica (3º ciclo - 7º, 8º anos e com menor incidência os 9º anos - em regime de oferta de escola). O Design no ensino do 2º e 3º Ciclos, apenso à área da educação artística, pretende aplicar novas práticas a formatos tradicionais, criar novas formas utilizando velhas técnicas e novas tecnologias, aplicar saberes antigos a conceitos modernos, cruzar os conhecimentos de artesãos e designers numa perspectiva de complementaridade e recriação.

No ensino português, existe ainda a ideia de que o Design, o desenho ou o ensino das Expressões (no geral) sejam consideradas artes aplicadas ou disciplinas menores e “muitos” erradamente defendem que a Língua materna e as disciplinas com base científica como a Matemática, são deveras as mais importantes. Sem pretensões de colocar à discussão valores, importâncias ou grandezas curriculares contesto e recorro que o desenho foi o primeiro meio de expressão e comunicação do homem, que a identificação e resolução de problemas faz parte da metodologia projetual e que o design é a ferramenta mais poderosa para empacotar ideias e fundir a arte, a técnica e a tecnologia em algo proveitoso para o ser humano. A esses pensadores respondo, citando Costa<sup>15</sup>, considerado por muitos, o “pai” do design português:

*“Desenhar continua a ser o exercício imperativo quotidiano de qualquer oficial destes ofícios, um modo de pensar e de apropriar o visível em momentos fugazes que alimentam o saber.”*

Independentemente do desenho ser realizado manualmente em papel ou com o apoio das novas tecnologias, a computador, em formato digital, este é o ponto de intersecção entre a ideia e o design. O desenho representa um enorme benefício para transmitir com maior precisão o propósito do designer, em cada fase de seu trabalho.

Segundo os Programas de Conteúdos e Competências disciplinares, amplamente divulgados a nível nacional pelo Ministério da Educação das já enunciadas disciplinas, cabe ao Professor planificar e calendarizar a introdução da temática “Design” em sala de aula sem rigidez ou cumprimento de programa sequenciado, facto antagónico a outras disciplinas como acontece por exemplo, com o ensino da Língua Portuguesa ou da Matemática (que exigem um cumprimento escrupuloso da Planificação Anual).

A metodologia do design faz parte do projecto de trabalho a estas disciplinas e é gradualmente aplicado de modo multidisciplinar nas escolas ainda que, como já referido, por vezes, pouco enaltecida por pais/educadores, professores e alunos.



Figura 16 .”O Design está “in”. É uma jornada que se faz à auto-descoberta. É o nosso pensamento transformado em realidade.

Figura 17. “O Design é uma tentativa persistente” Estas imagens representam um breve exemplo de imagens utilizadas em sala de aula para promover a discussão e debate de ideias sobre o Design (9ºs anos - Disciplina de Educação Visual).

<http://desizntech.info/2009/05/do-you-know-what-is-design-41-answers-to-one-simple-question>

Quanto à influência dos meios de comunicação, a utilização da imagem, produz muita informação, conhecimento e converte a aprendizagem em algo mais interessante. As imagens são utilizadas com frequência em sala de aula para comprovar as possíveis teorias e conceitos sobre o ensino do design. O que é, como é, onde se aplica e para que serve?,... são várias questões, para muitas respostas, porque o design está presente em múltiplas áreas da nossa vida. Contudo, para além do uso possível das novas tecnologias que complementam o meu trabalho de educadora e a aprendizagem do(s) aluno(s), promovo a utilização da motricidade fina em contexto disciplinar, para além de outras competências.

## 2.2. A importância do desenho no Design

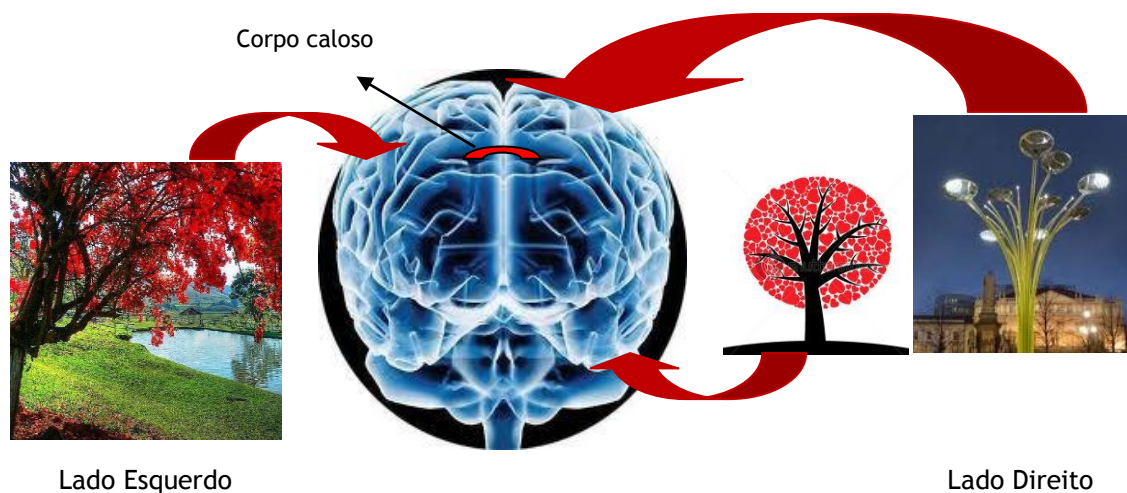
O desenho é uma linguagem universal. É um modo de exteriorizar pensamentos, ideias e clarificar problemas. Auxilia a tarefa do design, quando tem de persuadir um cliente a adquirir uma solução e facilita a leitura de linguagem técnica para comunicar informações precisas àqueles que fabricam, montam, comercializam e utilizam um produto.

Além de ser uma forma de expressão, o que o torna emotivo, é também objecto de diversas interpretações se quisermos que o seja. Além de ser uma forma de expressão, emite mensagens, “fala” por códigos, através de símbolos, utiliza a cor. É por esses e por outros factores que o desenho é tão singular. É também um passatempo, uma forma de contentamento e de bem-estar, um registo. O desenho tem um valor estético, subjectivo e o mesmo acontece quando se procede à avaliação deste (quantitativa ou qualitativa).

Utilizamos a parte direita do nosso cérebro (hemisfério direito) para perceber imagens, desenhar, escrever, pintar, esculpir, mas também para ter orientação, para conduzir um carro, projectar objectos, descobrir uma caminho, para arrumar um lápis... É o



nosso lado criativo, o que exige um pensamento global de decisão imediata. É muito mais rápido que o hemisfério esquerdo, o nosso lado lógico, a tomar decisões. Este lado requer uma ordem em particular, para estudar, para investigar, para organizar um relatório. Contudo ambos os hemisférios emitem ordens através do corpo caloso e vão agilizar a coordenação motora.



*Figura 18. Do lado esquerdo, o Hemisfério Lógico. Do lado direito, o Criativo. Do lado esquerdo a imagem - real. O corpo caloso permite que um hemisfério saiba o que o outro está a fazer. Do lado esquerdo a representação de elemento natural, árvore e uma Árvore Solar, MAK, Viena de Áustria da autoria de Ross Lovegrove<sup>16</sup> em parceria com a Artemide e a Sharp Solar.*

A coordenação motora é o conjunto proporcionado de exercícios ou movimentos, mais ou menos espontâneos relacionados com o desenvolvimento físico e crescimento do indivíduo. A coordenação pressupõe a maturação do sistema nervoso e progride com a idade. A coordenação geral envolve movimentos generalizados do corpo (da cabeça, dos ombros, dos membros inferiores e superiores), fazendo com que vários músculos actuem ao mesmo tempo para executar movimentos voluntários, simples ou complexos. A coordenação ou motricidade fina reporta-se aos movimentos realizados por pequenos músculos. Diz-se “o aluno apresenta dificuldades na destreza das mãos e ponta dos dedos”, quando não consegue executar pequenas tarefas que implicam agilidade e rigor. A motricidade fina é uma das competências essenciais do ser humano, independentemente da idade e desenvolvida desde a 1ª infância. Não é por acaso que a criança, depois de explorar as capacidades verbais empreende o desenvolvimento da coordenação motora utilizando os pés e pernas para começar a andar, os braços e as mãos para abraçar os progenitores, para segurar objectos, para apropriar-se de formas, materiais e cores, para representar, riscando e desenhando com o lápis... expressando sentimentos e valorizando a auto-estima. O desenvolvimento destas mestrias traduz-se no

<sup>16</sup> Lovegrove, Ross (n.1958 ) Desenhador de design industrial, . Estudou no Royal College of Art, Londres em 1983 onde completou o seu Curso de Design. Tem realizado diversos trabalhos , entre eles o da Sony Walkman. <http://www.rosslovegrove.com/> , acedido a 7 de Outubro 2011.



desenho, numa fase pré-escolar e mais tarde no aperfeiçoamento da caligrafia, na escrita e na matemática.

Enquanto o aluno desenha, está a comunicar consigo e com os outros, deixando “falar” o seu consciente e inconsciente. Os desenhos revelam aspectos do seu carácter, da personalidade e da sua situação familiar e social. As práticas de desenho das crianças evoluem com a idade e não se regem pelos padrões estéticos dos adultos.

Quando a criança ingressa na escola básica, por volta dos 5 aos 7 anos, verifica-se uma diminuição da criação gráfica, uma vez que a escrita passa a ser concorrente do desenho. Nesta etapa, os registos gráficos possuem maior noção de espaço e surge a linha, sobre a qual é criado o desenho. Os símbolos são integrados num “todo” cada vez mais coerente. As figuras humanas passam a ter maior número de pormenores, afirmam-se os sexos e escalão social, sobretudo com base na roupa, nos cabelos recorrendo à escala (pais maiores, filhos menores). Existe uma grande preocupação em aproximar o desenho à realidade para agradar ao adulto. Aprendem a transformar o pensamento em imagens.

A evolução é semelhante na maioria das crianças, contudo - referenciadas desde o ensino básico, as crianças que demonstram ter NEE - Necessidades Educativas Especiais, - possuem diferentes estatutos de desempenho e de avaliação em sala de aula. São detentoras de diferenças individuais de carácter e sensibilidade como todas as outras mas o seu sucesso depende da estimulação e reforço que são dados pelas pessoas que a rodeiam.



Figura 19. Desenho de Leonardo da Vinci<sup>17</sup>, “O Homem Vitruviano”. As ideias de proporção e simetria aplicadas à concepção do Homem.

Figura 20. Sistema de medição das proporções do corpo humano idealizado por Le Corbusier<sup>18</sup>.

<sup>17</sup> Vinci, Leonardo da (1452 - 1519), Pintor, escultor, arquitecto e engenheiro, foi o talento mais versátil da Itália do Renascimento. O Homem imagem representa o corpo humano inserido na forma ideal do círculo e nas perfeitas proporções do quadrado.

<sup>18</sup> Corbusier, Charles-Edouard - Le (1887 - 1965) Arquitecto, urbanista e pintor francês de origem suíça. É considerado um dos mais importantes arquitectos do século XX.



Aos 12/13 anos o aluno já aplica a profundidade e começa a ter noção de perspectiva, já percebe as formas, os volumes, os objectos no espaço. Apreende a estrutura. Distingue entre fundo, forma e função. São-lhe transmitidas noções de estética, de proporção, de antropometria e de ergonomia. Está no 2º Ciclo do ensino Básico. Na figura humana as características são tendencialmente exageradas, as proporções são melhor conseguidas. Assimilam conceitos e conhecimentos. Existe uma maior consciência visual no uso da cor, das texturas, na narração do espaço e dos volumes e um maior realismo. É essencial respeitar os ritmos de cada aluno. Abrir um tempo e um espaço para desenhar livremente, explorando diversas técnicas, materiais e suportes. A correcção excessiva, a falta de orientação, de motivação e os reparos negativos por parte dos educadores diminuem a confiança do aluno, frustrando-o e afastando-os das responsabilidades, por pensarem não estar à altura das solicitações.

Dos 14 aos 18 anos os alunos desenvolvem e aperfeiçoam hábitos de observação, de análise, e o espírito crítico. Apuram competências individualmente e em grupo. Trabalha-se a aprendizagem cooperativa preparando-os para o mercado de trabalho. Amadurecem capacidades expressivas, comunicativas e interpretativas. Desenvolvem a consciência de valores ambientais, culturais, patrimoniais e artísticos. Estudam tradições e conceitos populares, produtos fabricados manualmente e pelas indústrias, reconhecem materiais, técnicas, processos de fabrico, exprimem e reconhecem expressões do passado e do presente.

Os alunos que demonstram estar menos aptos para as aprendizagens e para o desenho tendem a abdicar facilmente dos trabalhos e a desistir da execução e conclusão dos mesmos, evocando “Não consigo, não tenho ideias nem jeito, não gosto de desenhar”. Está na mão do professor, depois de tantos anos de experiência e de serviço, consciencializar-se que a atenção que der aos projectos e trabalhos do aluno irá contribuir para a construção da sua auto-estima e conseqüente auto-aprendizagem.

No campo do desenho técnico, o tira-linhas, a tinta da china, os estiradores, a régua T, as régua de cálculo e os bisturis já se remeteram às memórias e ao esquecimento. Os sistemas de desenho CAD, Corel Draw, Adobe Illustrator, entre outros, prestam uma fabulosa contribuição para o desenvolvimento de projetos, apressando o fluxo de trabalho, na racionalização do tempo, bem como na execução de desenhos, projectos ou design gráficos. Estes programas permitem representar tecnicamente, desenvolver análises e estudos de viabilidade técnica, redimensionar, posicionar, realizar rapidamente correções e alterações nos projetos além de interagir com os processos de fabricação. São ferramentas que surgem para facilitar a vida daqueles que com elas trabalham, salientando no entanto que existe a necessidade de existir uma formação prévia aos professores antes de transmitir o conhecimento aos alunos.



### 2.2.3. O uso da tecnologia na escola, em sala de aula

Existe pouca utilização da tecnologia na Escola e conseqüentemente no uso das TIC em comparação a outros países europeus. Tanto defendo o uso destas ferramentas de aprendizagem (computadores) aplicando modelos de ensino adequados como, as práticas do desenho de projecto à mão, no âmbito dos currículos. Existem diversos factores que contribuem para acentuar a sua escassa utilização na comunidade escolar. Poderão ser motivos relacionados com a capacidade económico-financeira da Escola onde as desigualdades estruturais e funcionais são conseqüentes. A causa interna, de cariz eminentemente cultural e de natureza psicológica, como a resistência à mudança e à inovação da própria instituição escolar, é personificada pelos docentes. Esta problemática, só poderá obter bons resultados com a conjugação e o esforço dos diversos intervenientes. Os meios, não são sinónimos de sucesso e não significam um fim.

Como um bom princípio, a Escola antes de se preocupar com a actualização das tecnologias deverá dar exemplos de “boas práticas”, usufruindo do tempo disponível e fomentando a maturação às novas aprendizagens.

Outros factores externos de natureza política e governamental são fundamentais na definição e orientação de directrizes no intuito de proporcionar uma base de coesão e de igualdade de oportunidades.

Não podemos deixar de constatar que ainda há poucas décadas atrás, o nosso mundo era diferente. Sem acesso a computadores, telemóveis pessoais e portáteis, CD's, DVD's, Pen's, satélites de comunicação, desde a televisão por cabo, à Internet entre muitos outros, certas siglas, palavras e estrangeirismos até então adversos foram, pouco a pouco, fazendo parte do nosso quotidiano e vocabulário. Em complementaridade aos métodos de ensino tradicional, como a exposição oral e leitura de manuais escolares, o computador ocupou um lugar de excelência nas nossas casas, escolas, entre os nossos alunos.

As TIC conservam um elevado potencial para se aprender, não apenas para se fazer o que antes já era consumado com meios tradicionais mas para desenvolver novos modos e métodos de ensino complementares, capazes de estimular a interacção, a partilha e a cooperação entre os diversos agentes envolvidos. Muitas das nossas Escolas ainda não possuem um computador ligado à internet em cada sala de aula. O insucesso e as dificuldades diminuirão se cada um de nós como pais, adultos, professores ou alunos utilizar as TIC como um instrumento permanente capaz de reproduzir pedagogias activas e diferenciadas, que permitam ajudar os nossos progenitores e educandos a compreenderem a complexidade do mundo que os rodeia. Para que juntos possamos desenvolver e extrair progresso nos saberes, factores essenciais para definir uma cultura escolar que promova a diferenciação de aprendizagens.





## Capítulo III

# 3. Actividade profissional: Docente

## Introdução

“Ensinar, é aprender duas vezes”

*Joseph Joubert*

Educar é o processo pelo qual é transmitido ao aluno os conhecimentos e atitudes necessárias à vida em sociedade. Cada vez mais, a eficácia do professor no processo de ensino-aprendizagem passa pelo sucesso da relação pedagógica que detém com o(s) aluno(s) para além da sua base de conhecimentos e dos saberes específicos no plano dos conteúdos programáticos.

No cumprimento dos meus deveres como docente, estou consciente de que as teorias e as práticas, não são mais do que instrumentos que terão de ser apropriados e adaptados, de acordo com as características sociais, económicas e culturais do meio em que me insiro, da escola onde sou colocada e dos estudantes aos quais lecciono. Ensinar, sendo objecto de conhecimento e de investigação, é também uma arte e como tal cada indivíduo, deixa a sua marca individual na actividade que pratica.

### 3.1. Situação: Provisória - Contrato Anual com termo certo

O ingresso na carreira docente é condicionado à posse de qualificação profissional para a docência, nos termos previstos no artigo 31.º da Lei de Bases do Sistema Educativo Português.

Candidatam-se ao Concurso Externo para aceder aos quadros de agrupamento ou de Escola não agrupada os professores com habilitação profissional a um ou dois grupos de recrutamento (o que acontece somente para alguns grupos disciplinares). Se não forem colocados, podem candidatar-se ao concurso anual para as necessidades transitórias e à Bolsa de Recrutamento disponibilizada pelo Ministério da Educação, de acesso digital. A colocação como docente é realizada mediante uma necessidade da escola. O contrato pode ser renovado, até ao limite de quatro anos escolares, caso se trate de horário completo, se mantenha a necessidade de contratação e aceitação por parte da direcção da escola e não exista na Bolsa de Recrutamento nenhum professor de quadro de agrupamento, de escola não agrupada ou de QZP - Quadro de Zona Pedagógica, que possa ser colocado nesse horário.

No ano escolar de 2010/2011 fui colocada na Escola Secundária do Sabugal, em regime de contratação, no 5º grupo, horário completo, grupo de recrutamento 600 - Artes



Visuais. Prestei funções como professora na Escola Secundária do Sabugal e na Escola do 2º e 3º Ciclos do Sabugal, ambas pertencentes ao Agrupamento de Escolas do Sabugal.

## **3.2. Os Ciclos de Ensino**

A articulação entre os Ciclos de Ensino obedece a uma continuidade progressiva de objectivos, conteúdos e metodologias de aprendizagem/ensino. Cada ciclo deverá aprofundar, alargar e completar o ciclo anterior.

### **3.2.1. Ensino Básico**

O Básico é um nível de ensino que tem início na idade - por aluno - de 6 (seis) anos, tendo aproximadamente a duração de 9 (nove) anos, cujo programa visa certificar uma preparação geral comum a todos os indivíduos, permitindo o prosseguimento posterior de estudos ou a inserção na vida activa. Compreende três Ciclos sequenciais, sendo o 1.º Ciclo de quatro anos, o 2.º de dois anos e o 3.º Ciclo de três anos. É universal, obrigatório e gratuito.

O 1º Ciclo corresponde ao antigamente denominado, Ensino Primário. Por 2º ciclo entende-se dois anos de escolaridade. É ministrado um ensino organizado por áreas pluridisciplinares de formação básica, cada uma estando a cargo de um ou de dois professores por sala (caso da disciplina de Educação Visual e Tecnológica).

O 3º ciclo compreende a três anos de escolaridade e organiza-se à volta de um conjunto de disciplinas, integrando, também, áreas vocacionais. Cada disciplina ou grupo de disciplinas está a cargo de um só professor.

### **3.2.2. Ensino Secundário**

O nível de ensino Secundário corresponde a um ciclo de três anos (10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade), que se segue ao ensino básico e que visa aprofundar a formação do discente para o prosseguimento de estudos ou para o ingresso no mundo do trabalho. Está organizado em cursos predominantemente orientados para o prosseguimento de estudos e cursos profissionais<sup>a)</sup> ou tecnológicos predominantemente norteados para a vida activa.

#### **3.2.2.1 Cursos Profissionais**

A Formação Profissional é uma preparação para a vida activa. Os Cursos Profissionais são um dos percursos do nível Secundário de ensino e de educação, caracterizados por uma forte ligação com o mundo profissional.

Visam o desenvolvimento de aptidões e competências para o exercício de uma profissão. Estes cursos com três anos de duração são destinados a jovens que tenham concluído o 3.º ciclo do ensino básico e que aspirem a um ensino prático vocacionado para o mundo do trabalho. É leccionado em Escolas Secundárias (como no caso da Escola Secundária



do Sabugal), Escolas Profissionais, Tecnológicas, ou através do ensino à distância, o *e-learning*, em Universidades ou Institutos creditados.

Todas as disciplinas dos Cursos Profissionais são organizadas por módulos, que permitem uma maior flexibilidade ao longo do percurso escolar. Cada escola tem a possibilidade de gerir a inclusão, dos módulos ao longo dos cursos. O funcionamento de um curso de Formação Profissional pode ser realizado segundo moldes institucionais diversificados, designadamente na utilização de escolas, protocolos com empresas e autarquias, ou com apoios a instituições públicas ou privadas. Além de proporcionarem competências e administrarem conteúdos, teórico-práticos para o exercício de uma profissão, os cursos profissionais incluem no final do 2º e 3º ano um estágio profissional e terminam com uma PAP - Prova de Aptidão Profissional que consiste na demonstração, perante um júri, das competências, dos conhecimentos e dos saberes desenvolvidos ao longo da formação.

Os Cursos Profissionais possibilitam a obtenção do nível 4 de qualificação do Quadro Nacional de Qualificações (ensino secundário e certificação profissional). Permitem de igual forma, o prosseguimento de estudos para o Ensino Superior mediante a realização de exames (previstos no regulamento de acesso ao ensino superior) ou para um CET - Curso de Especialização Tecnológica. Embora previsto antes das iniciativas governamentais do denominado Plano Tecnológico, foi com as Novas Oportunidades ou equivalentes profissionalizantes que surgiram os Certificados de equivalência ao 12º ano (antes a Certificação era limitada até ao 9º ano de escolaridade). Reconheço prioritários os incentivos à qualificação dos recursos humanos nacionais, embora o resultado nem sempre seja o esperado.

### **3.3. A Educação é um direito e um dever!**

O direito à educação, ao ensino, à escolaridade está consignado em tudo quanto são cartas e declarações universais de direitos do homem.

*“Todos têm direito à educação e à cultura. O Estado promove a democratização da educação e as demais condições para que a educação, realizada através da escola e de outros meios formativos, contribua para a igualdade de oportunidades, a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais, o desenvolvimento da personalidade e do espírito de tolerância, de compreensão mútua, de solidariedade e responsabilidade, para o progresso social e para a participação democrática na vida colectiva.”*

Direitos e deveres culturais, Artigo 73º da CRP - Constituição da República Portuguesa.

O Estado compromete-se em garantir “o direito da criança à educação na base de igualdade de oportunidades” segundo a Lei nº 46/86 de 14 de Outubro, pela Lei nº 115/97, de 19 de Setembro, artigo 2º, nº2, Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE). A escolaridade



obrigatória é de 12 anos. Os menores de dezasseis anos têm de frequentar a escolaridade obrigatória, sendo proibido até essa data a sua inserção no mundo do trabalho.

*“A educação escolar, parte integrante do sistema educativo, compreende os ensinamentos: básico, secundário e superior”, Artigo 4º, da LBSE. “Refira-se ainda uma modalidade especial de educação escolar, a formação profissional que para além de complementar a preparação para a vida activa iniciada no ensino básico, visa uma integração dinâmica no mundo do trabalho pela aquisição de conhecimentos e de competências profissionais, tendo acesso à formação profissional os que tenham concluído a escolaridade obrigatória e os que não concluíram a escolaridade obrigatória até aos 15 anos de idade” segundo Artigos 16º, nº 1, alínea b) e 19º da LBSE.*

A vontade de ganhar autonomia, demove muitos alunos, que frequentam a escola sem estudar e sem aproveitamento, isto porque, a aposta numa escolaridade mais longa não é garantia do sucesso escolar dos alunos, nem garante ingresso no mercado de trabalho. Estes alunos não estudam, nem trabalham. Comenta-se que o aprendiz, possui maiores níveis de conhecimento (que antes), no entanto, enfrenta a existência académica e “parte” para a vida profissional com perspectivas e objectivos de vida mais limitados. Vivem o imediato, o presente revela poucas perspectivas, sem objectivos e o futuro logo se “vê”. Acrescentam-se características como a passividade, a perda na capacidade de concentração, do raciocínio linear e parco espírito crítico.

Portugal não é exemplo das nações que têm os melhores sistemas educativos do Mundo, apesar de ser um dos poucos países que pretende aprovar a escolaridade obrigatória até aos 18 anos de idade. Acontece hoje, que muitos dos nossos jovens deixam o sistema educativo, pouco motivados pela escola e pouco determinados para prossecução de estudos demonstrando interesses divergentes dos escolares, optando por ficar em casa ou procurando áreas profissionais menos exigentes ou serviços em part-time. Mais tarde, alguns regressam à escola, outros optam por fazer o 9º ano ou obter equivalência ao Secundário em Escolas Profissionais ou Institutos de Formação Profissional, em cursos com a duração de três meses. A dualidade é que enquanto alguns adolescentes se esforçam, estudam, trabalham e se empenham pelas actividades e tarefas escolares, uma percentagem de alunos (com tendência a aumentar) opta por “versões” de estudo e pela obtenção de “canudos” céleres. Tal facto não resolve problemas, não diminui o desemprego, não qualifica, e pelo contrário é destinado aos interesses de certas instituições, à promoção de metas estatísticas relacionáveis a estatutos europeus, aos interesses de certos políticos, formadores e a alguns professores certamente a pensar muito pouco, na valorização dos discentes/formandos.

Todos nós sabemos que existem barreiras a ultrapassar. Num estudo económico realizado a Portugal, pela OCDE em 2010, conclui-se que é fundamental investir na educação,



para reduzir as desigualdades sociais e melhorar a coesão social. O atraso do sistema educativo português, é tema de debate há décadas, e a tendência actual é para crucificar a escola e os professores, alegando depois consequências e razões implícitas pelo atraso e crise económica. Mas, à que mudar mentalidades, apresentar soluções, inovar no ensino, acreditar numa nova geração de professores e de alunos mais motivados, empenhados e trabalhadores. Para que tal aconteça à que fomentar a mudança.

### 3.4. Docente do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Secundário

#### 3.4.1. Horário Semanal 2010/2011

O horário semanal de trabalho como Professora do 2º e 3º Ciclos e Secundário equivale a 35 horas. Dessas trinta e cinco, 10 (dez) horas são destinadas ao trabalho individual, que é gerido mediante as prioridades de cada um. As restantes 25 horas (vinte e cinco) foram passadas na escola a gerir as seguintes tarefas: a leccionar ao 2º, 3º e a cursos Profissionais; a dar apoio a alunos; em Reuniões de Departamento, de Grupo Disciplinar, de Direcção de turma, de Atendimento aos Encarregados de Educação, dos Cursos Profissionais; em aulas de substituição; em funções de Direcção de Turma; na preparação de exposições; na promoção de actividades, entre outras.

O Horário semanal é cumprido dentro dos períodos escolares estipulados pelo Ministério da Educação para cada ano lectivo.

| Períodos | Períodos escolares               | Interrupções        |
|----------|----------------------------------|---------------------|
| 1º       | 8 e 13 de Setembro a 17 Dezembro | 20 a 31 de Dezembro |
| 2º       | 3 de Janeiro a 8 de Abril        | 5 a 9 Março         |
| 3º       | 26 de Abril a 22 Junho           | 11 a 21 Abril       |

*Tabela 1: Ano lectivo 2010/2011*

A Componente Lectiva corresponde a 22 (vinte e dois) tempos e a Componente não lectiva a 13 (treze), dos quais 3 (três) tempos são designados Trabalho de Escola.

As 10 (dez) horas semanais destinadas ao chamado Trabalho Individual é na maior parte das vezes realizado pela professora fora da escola em actividades tais como: Preparação de aulas, elaboração de Fichas informativas, Apresentação de Unidades Testes de avaliação, correcção de Testes, correcção de trabalhos de casa, correcção de trabalhos individuais e/ou de grupo e ainda na Investigação e Formação contínua, os quais estão descritos nos parágrafos seguintes. Contudo, o tempo destinado ao trabalho Individual é largamente ultrapassado.



**a) Preparação de aulas:** Considerando que tinha 9 tempos para o curso profissional, por semana; 2 tempos para a Disciplina de Área - Projecto (com 2 níveis de ensino); 2 tempos para a disciplina de Educação Tecnológica (com 2 níveis de ensino); 4 tempos para Educação Visual (2 níveis de ensino) e 1 tempo para Formação Cívica, tinha de preparar no mínimo 18 aulas por semana =18 horas. Se o período tivesse 14 semanas como é o caso do 1.º período do presente ano lectivo consome-se no total 252 horas nesta tarefa.

**b) Elaboração de testes:** Se realizasse, por período, um só teste em cada turma, significa que tive de elaborar catorze testes (Teste A e B x 7 turmas). Se despender apenas 1 hora para preparar, escrever e fotocopiar o teste (o que raramente acontece pois normalmente é mais), dispenso, num período, 14 horas neste trabalho.

**c) Correção de testes:** a leccionar a três ciclos de ensino e seis níveis diferentes, implica corrigir, 104 testes. Hipoteticamente, se cada correção demorar em média 1 hora corresponde a 104 horas por período.

**d) Correção de trabalhos de casa:** solicito apenas a execução de trabalhos de casa quando os mesmos não são concluídos em sala de aula e os prazos estipulados para a sua execução correm o risco de prejudicar o rendimento da turma. Os trabalhos são corrigidos em tempo lectivo, junto com os alunos. A contabilização do tempo difere entre turmas, anos e disciplinas.

**e) Correção de trabalhos individuais e/ou de grupo:** no ano lectivo anterior solicitei a realização de um trabalho de grupo, por período, no mínimo, sendo que cada grupo é normalmente composto por 2, raramente, 3 alunos. A correção terá sido então efectuada a 52 trabalhos de grupo, aproximadamente, por período. Não estarão aqui contabilizados os trabalhos individuais que por opção do aluno(a), por tarefa de recuperação ou outro motivo, acrescem aos anteriores em menor número, demorando (em média) 1 hora a corrigir cada um deles. Assim como não está contabilizado o tempo de orientação, correções ortográficas, tratamento de texto, imagens, paginação, entre outros, que despendi com as PAP's - Projecto de Aptidão Profissional do Curso Profissional, que corresponde ao trabalho final para apresentação em papel, formato digital e posterior defesa pública.

**f) Investigação:** considerando que dediquei apenas 4 horas (o que sempre é excedido) por semana a investigar, resultou por período em 56 horas (4h x 14 semanas). A investigação contribui para “abrir os horizontes” aos alunos, muito centrada na forma como assimilam as aprendizagens, observando “com olhos de ver” o que os rodeia, procurando formas de produzir o conhecimento e motivar o aprendiz, influenciando atitudes, comportamentos e vice-versa.

**g) Ações de formação contínua:** Estive presente nas ações de formação para a Saúde, orientado por Enfermeiros e promovido pelo Centro de Saúde do Sabugal na Escola Secundária



do Sabugal, no âmbito da Educação Sexual para a disciplina de Formação Cívica (2 horas); Frequentei o curso de formação Guarda Raia - QUIM, Quadros interactivos para Artes e Expressões, Novas Tecnologias - Programa Active Inspire (25 horas), no Verão de 2010 com a menção qualitativa: Excelente e menção quantitativa: 10 valores; Curso prático de Conservação e Restauro na Igreja da Moita (8 horas).

### **3.4.2. Caracterização do Meio**

O Concelho de Sabugal está localizado na zona Centro de Portugal, Beira Interior Norte e é um dos catorze concelhos do Distrito da Guarda. Faz fronteira a Norte com os concelhos de Almeida e Guarda, a Oeste com Guarda e Belmonte, a Sul com Fundão e Penamacor e a Este com Espanha, mais precisamente com a Província de Salamanca. Situado na parte meridional do território de Riba Côa, é atravessado de Sul para Norte pelo Rio Côa. Este concelho abrange uma área total de 823,1 km<sup>2</sup>, e é composto por 40 freguesias e 102 povoações.

Ter a noção da realidade de uma região é a base essencial para a definição de uma estratégia de desenvolvimento da mesma e como tal implica proporcionar à escola a sua devida importância.

A desertificação e o envelhecimento são aspectos caracterizadores do Concelho. Conforme dados de 2003, da Câmara do Sabugal, abordados no Diagnóstico Social do Concelho do Sabugal em 2006, o índice de envelhecimento era de 500 idosos/100 jovens.

Segundo os Indicadores Demográficos do Sabugal datados de 2009, da CCDRC - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro, provenientes do Anuário Estatístico da Região Centro, editado pelo INE - Instituto Nacional de Estatística, a proporção de jovens (dos 0 a 14 anos) é de 8.2% para treze mil (13 000) residentes. Os idosos com mais de sessenta e cinco anos correspondiam a 34.7%. A taxa bruta de natalidade era de 4.6%.

Segundo o Censos 2011 (dados preliminares) a população residente alterou-se para doze mil quinhentos e quarenta e quatro (12 544) indivíduos, sendo a dimensão familiar de 2.3, com tendência a diminuir se comparada ao ano de 2001 (de 14 871 indivíduos) para uma dimensão de 2.4 por agregado familiar. Atualmente há menos 14% de famílias e menos 16% de população residente.

A falta de incentivos à fixação do Concelho e aldeias limítrofes provoca uma diminuição da população do Concelho, explicada quer por movimentos migratórios de famílias, de um ou mais elementos ou até dos progenitores para os aglomerados urbanos/litoral ou fora do território português (os quais deixam para trás os descendentes, entregues à sua sorte, aos avós ou outros familiares), quer por crescimentos naturais negativos.



### 3.4.3. Caracterização da Escola/Agrupamento Escolar

A Escola Básica do 2º e 3º Ciclos do Sabugal e a Escola Secundária do Sabugal, “fundiram-se” em finais do ano lectivo de 2009/2010, para dar lugar ao Agrupamento de Escolas do Sabugal, com sede na Escola Secundária. Ambas estão localizadas na Rua Joaquim Manuel Correia 6324 - 003 SABUGAL. As escolas estão implantadas uma junto da outra com espaços devidamente vedados, conectadas por um portão interior. As entradas principais situam-se a escassos metros uma da outra. Fazem parte do Agrupamento entre outras Escolas do Ensino Básico do 1º Ciclo. São elas a Escola do 1º Ciclo (1º ao 4º ano) do Sabugal, a de Bendada, a de Cerdeira, a da Ruvina, a escola da Aldeia de Stº António, a de Stº Estevão e junto à fronteira com Espanha, a do Soito, todas elas posicionadas em aldeias pertencentes ao distrito da Guarda relativamente próximas da cidade do Sabugal. A acrescentar às anteriores estão as Escolinhas do Ensino Pré-Escolar.



Figura 21. Vista aérea da Cidade do Sabugal

Alguns professores mantêm funções exclusivas em cada escola. Em menor número encontram-se os docentes que passaram a leccionar, em ambas as escolas.



*Figura 22. Entrada Principal da Escola Básica do 2º e 3º Ciclos do Sabugal*

O corpo docente da Escola Básica do 2º e 3º Ciclos do Sabugal (5º,6º,7º anos), no ano de 2010/2011, era composto por 26 professores, 174 alunos e aproximadamente 22 funcionários.

Quanto ao corpo docente da Escola Secundária do Sabugal (8º,9º,10º,11º,12º anos + Profissionais e CEF) era constituído por 51 professores, 307 alunos e aproximadamente 40 funcionários. Com uma média de 18 alunos/por turma existiam 4 turmas de Cursos Profissionais e uma de CEF - Cursos de Educação e Formação de jovens.

| E.B 2º e 3º Ciclos do Sabugal + Secundária do Sabugal                  |                   |                    |
|--|-------------------|--------------------|
| Nº de alunos   | Nº de Professores | Nº de Funcionários |
| <b>481</b>   | <b>77</b>         | <b>62</b>          |
| Existem cerca de 16 Professores e 13 Funcionários por cada 100 alunos. |                   |                    |

*Tabela 2. Descrição do total do número de alunos, Professores e Funcionários*

#### **3.4.4. Serviço atribuído**

Fui colocada por Concurso de Contratados 2010/2011, a 1 de Setembro de 2010 no Agrupamento de Escolas do Sabugal, com Contrato a termo, com a validade de um ano, como professora provisória, possuidora de Habilitações Profissionais (em regime de Profissionalização em Serviço pelo IPG - Instituto Politécnico da Guarda), para o grupo 600 - Artes Visuais (do 3º Ciclo). Contudo, sendo possuidora de Habilitações Profissionais (em regime de Profissionalização em Serviço pela UA - Universidade Aberta, Lisboa), e estando habilitada a leccionar para o grupo 240 - Educação Visual e Tecnológica (do 2º Ciclo) que



corresponde aos anos de escolaridade 5º, 6º ano(s) prestei serviço em duas das escolas do Agrupamento (Ver tabelas seguintes).

| Nº Turmas, Ciclos de ensino e respectivas Disciplinas |                 |                      |                 |                                 |
|---|-----------------|----------------------|-----------------|---------------------------------|
| 7 turmas atribuídas                                   |                 |                      |                 |                                 |
| 2 turmas  | 3 turmas        | 2 turmas             | 1 Turma         | 1 turma                         |
| 2º Ciclo  | 3º Ciclo        |                      |                 | Profissional                    |
| Área Projecto   | Educação Visual | Educação Tecnológica | Formação Cívica | Gestão e Organização de Eventos |

Tabela 3. Descrição do número de turmas atribuídas por Ciclo e por disciplina.

| Escola                       | Ciclos       | Disciplinas                  | Denominação das Turmas |
|------------------------------|--------------|------------------------------|------------------------|
| Escola 2º e 3º Ciclo Sabugal | 2º           | Área Projecto                | 5º B                   |
|                              | 2º           | Área Projecto                | 6º B                   |
| Escola 2º e 3º Ciclo Sabugal | 3º           | Educação Visual              | 7º C                   |
|                              | 3º           | Educação Tecnológica         | 7º C                   |
| Escola Secundária do Sabugal | 3º           | Formação Cívica              | 8º A                   |
|                              | 3º           | Educação Tecnológica         | 8ºA                    |
|                              | 3º           | Educação Visual              | 9º B                   |
|                              | 3º           | Educação Visual              | 9º C                   |
|                              | Profissional | Gestão e Produção de Eventos | TOEV                   |

Nota: As aulas do 7º ano eram leccionadas na Escola do 2º e 3º Ciclos do Sabugal, apesar de pertencerem ao 3º Ciclo, da Escola Secundária, por falta de espaço (salas de aula).

Tabela 4. Discriminação das disciplinas por Escola e denominação das turmas.

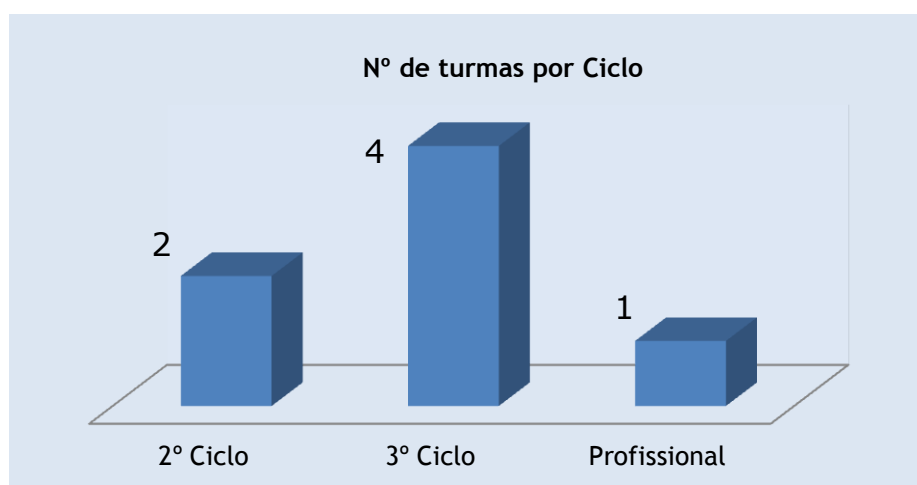


Gráfico 1. Número de turmas por Ciclo. O 3º Ciclo corresponde ao grupo 600 - Artes Visuais



| Ciclos de Ensino   |                 |   |      |   |                                  |                      |                             |    |      |   |      |   |   |   |
|--|-----------------|---|------|---|----------------------------------|----------------------|-----------------------------|----|------|---|------|---|---|---|
|  | 2º Ciclo        |   |      |   | 3º Ciclo                         |                      |                             |    |      |   |      |   | Profissional *<br>(3º e último ano)                       |   |
| <i>Por sexo</i>  | M               | F | M    | F | M                                | F                    | M                           | F  | M    | F | M    | F   | M   | F |
|  | 8               | 7 | 11   | 7 | 12                               | 5                    | 7                           | 14 | 4    | 2 | 7    | 3   | 9   | 8 |
| <i>Nº Alunos Por turma</i>   | 15              |   | 18   |   | 17<br>(dois abandonos escolares) |                      | 21<br>(um abandono escolar) |    | 6    |   | 10   |   | 17  |   |
| <i>Anos Escolaridade/Turmas</i>                                    | 5º B            |   | 6º B |   | 7º C                             |                      | 8ª A                        |    | 9º B |   | 9º C |   | TOEV<br>Técnicos de Gestão e Produção de Eventos (12ºano) |   |
| <i>Total nº Alunos por Ciclo</i>                                   | 33              |   |      |   | 54                               |                      |                             |    |      |   |      |   | 17  |   |
| <i>Disciplinas Atribuídas</i>                                      | Área - Projecto |   |      |   | Educação Visual                  | Formação Cívica      | Educação Visual             |    |      |   |      | GPE - Gestão e Produção de Eventos  |   |   |
|  |                 |   |      |   | Educação Tecnológica             | Educação Tecnológica |                             |    |      |   |      |   |   |   |
| <i>Componente lectiva em tempos (de 45m) semanais distribuídos</i> | 2t              |   | 2t   |   | 2t                               | 1t                   | 3t                          |    |      |   |      | 9t semanais<br>(339 tempos anuais) =<br>254 horas anuais<br>com termo a 31 Maio, 2010 |   |   |
| <i>Nº de turmas</i>  | 7 TURMAS        |   |      |   |                                  |                      |                             |    |      |   |      |   |   |   |

Nota: O Curso Profissional é um Curso de carácter geral, que possibilita o prosseguimento de estudos. Neste caso correspondia ao 3º ano equivalente ao 12º ano do Secundário.

Tabela 5. *Actividade Profissional Lectiva, distribuída no Ano Escolar 2010/2011 (35 horas semanais)*



|                                |  | Idade dos alunos |            |    |    |    |    |    |    |    |    |    |    |
|--------------------------------|--|------------------|------------|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|
| Ciclos                         | Turmas                                   | Nº alunos Turma  | 9          | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 |
| 2º Ciclo                       | 5º B                                     | 15               | 3          | 9  | 2  | 1  | -  | -  | -  | -  | -  | -  | -  |
|                                | 6º B                                     | 18               | -          | 4  | 11 | 2  | 1  | -  | -  | -  | -  | -  | -  |
| 3º Ciclo                       | 7º C                                     | 17               | -          | -  | -  | 8  | 5  | 2  | 2  | -  | -  | -  | -  |
|                                | 8º A                                     | 21               | -          | -  | -  | 5  | 10 | 5  | -  | -  | -  | 1  | -  |
|                                | 9º B                                     | 6                | -          | -  | -  | -  | -  | 6  | -  | -  | -  | -  | -  |
|                                | 9º C                                     | 9                | -          | -  | -  | -  | 1  | 7  | 2  | -  | -  | -  | -  |
| Curso Profissional             | 3º - TOEV Técnico Organização de Eventos | 17               | -          | -  | -  | -  | -  | -  | -  | -  | 6  | 9  | 2  |
| Sub-Total de alunos por idades |  |                  | 3          | 13 | 13 | 16 | 17 | 20 | 4  | -  | 6  | 10 | 2  |
| Total                          |  |                  | 104 alunos |    |    |    |    |    |    |    |    |    |    |

Nota: Ver Gráfico Anelar das Idades (página seguinte)

*Tabela 6. Idades dos Alunos (Dados referentes ao início do Ano Lectivo: Setembro 2010)*

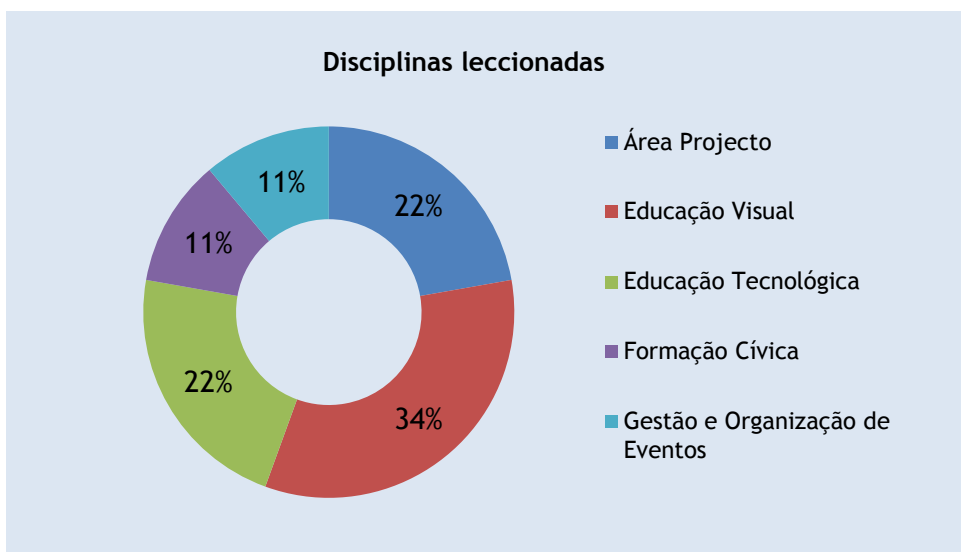


Gráfico 2. Percentagem por disciplinas leccionadas. A maior percentagem corresponde a Educação Visual, disciplina leccionada no 3º ciclo e que pertence ao grupo 600 - Artes Visuais.

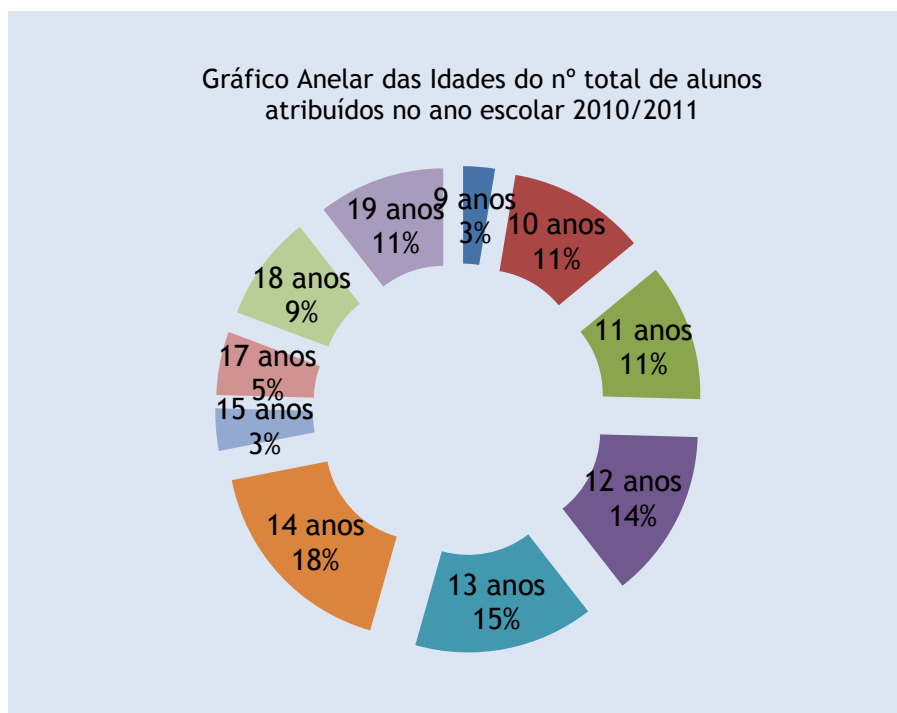


Gráfico 3. Idades percentuais dos alunos.

| 2º Ciclo             |                     | 3º Ciclo             |                     | Curso Profissional (equiparado ao 12º ano do Secundário) |                     |
|----------------------|---------------------|----------------------|---------------------|--|---------------------|
| Sub-Total de Rapazes | Sub-Total Raparigas | Sub-Total de Rapazes | Sub-Total Raparigas | Sub-Total de Rapazes                                     | Sub-Total Raparigas |
| 19                   | 14                  | 30                   | 24                  | 9  | 8                   |

Tabela 7. Idades por sexo/ciclo. Os rapazes estão em maioria.



| Total de Alunos por sexo |                    |
|--------------------------|--------------------|
| Total de Rapazes         | Total de Raparigas |
| 58                       | 46                 |
| Total alunos: 104        |                    |

Tabela 8. Número de alunos por sexo em 104 alunos (repartidos por 7 turmas).

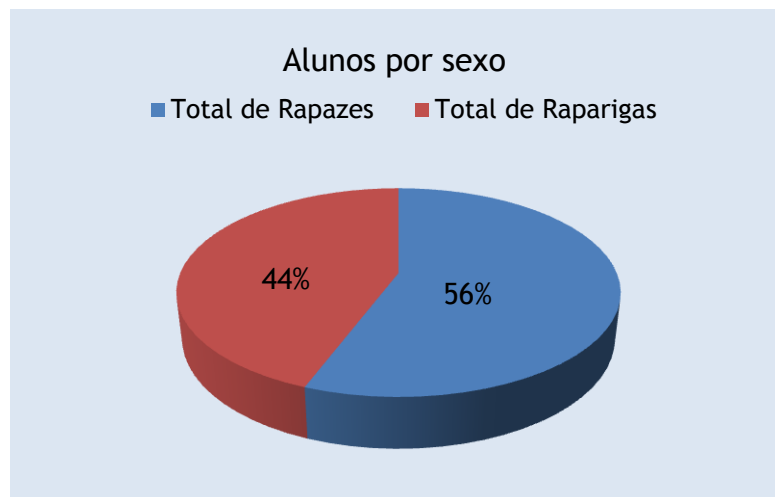


Gráfico 4. Percentagem de alunos por sexo.

### 3.4.4.a) Cargo atribuído : Direcção de Turma

O Horário de Direcção de Turma corresponde a dois tempos semanais (cada um de 45 minutos). O outro tempo é destinado à organização do Dossier do Projecto Curricular de Turma, do Registo de Faltas, na resolução de conflitos, no atendimento de alunos da turma, entre outros. Nos Anexos do Relatório Profissional, encontra-se o Relatório Crítico da Direcção de Turma.

| Horas        | Segunda | Terça | Quarta  | Quinta   | Sexta |
|--------------|---------|-------|---------|----------|-------|
| 09.00/09.45h |         |       |         |          |       |
| 9. 45/10.30h |         |       |         |          |       |
| 10.50/11.35h |         |       |         |          |       |
| 11.35/12.20h |         |       | D.Turma | SP       |       |
| 12.30/13.15h |         |       |         |          |       |
| 13.25/14.10h |         |       |         |          |       |
| 14.15/15.00h | ET      | 11    |         | D.Turma* | SP    |
| 15.00/15.45h | ET      | 11    |         |          |       |
| 15.55/16.40h |         |       |         |          | FC    |
| 16.40/17.25h |         |       |         |          | 2     |

\* Horário de Atendimento

Tabela 9. Horário do cargo de Direcção de Turma e disciplinas leccionadas à turma do 8ºA. Horário Ano Lectivo 2010/2011, em Anexos.



| Funções Pedagógicas e Burocrático/Administrativas |   |   |   |                              |   |
|---|---|---|---|------------------------------|---|
| Pedagógicas                                       | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Obter um conhecimento o mais completo possível dos alunos.</li> <li>• Promover a adaptação dos alunos à vida escolar.</li> <li>• Detectar factores de insucesso escolar.</li> <li>• Desenvolver entre os alunos da turma um espírito comunitário.</li> <li>• Evitar situações de marginalização.</li> <li>• Estimular e apoiar as actividades da turma.</li> <li>• Controlar comportamentos indesejáveis.</li> <li>• Proceder à eleição do Delegado e sub-delegado.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Garantir aos professores da turma a existência de meios e documentos de trabalho e orientação necessária ao desempenho das actividades próprias da turma.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Consciencializar as famílias da importância da sua colaboração com a escola.</li> <li>• Conhecer o meio extra-escolar onde o aluno se integra e a sua conduta nesse meio.</li> <li>• Fomentar uma acção educativa convergente entre a escola e a família.</li> <li>• Comunicar periodicamente com os Encarregados de Educação, através dos meios disponíveis.</li> </ul> | Burocrático /Administrativas | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Organizar o Dossier da Turma.</li> <li>• Proceder ao registo da assiduidade dos alunos.</li> <li>• Preparar as Reuniões de Conselho de Turma.</li> <li>• Elaborar e organizar a documentação necessária referente à Turma - Projecto Curricular de Turma.</li> </ul> |

Tabela 10. Funções da Directora de turma

| Competências  |
|---|
| Assegurar a articulação entre os professores da turma, os alunos e os pais/encarregados de Educação.  |
| Promover a comunicação e formas de trabalho cooperativo entre professores e alunos.   |
| Coordenar, em colaboração com os docentes da turma, a adequação de actividades, conteúdos, estratégias e métodos de trabalho à situação concreta do grupo de alunos e à especificidade de cada aluno. |
| Articular as actividades da turma com os pais/encarregados de educação, promovendo a sua participação.  |
| Coordenar o processo de avaliação dos alunos garantindo o seu carácter globalizante e integrador.   |
| Apresentar à Direcção Executiva um relatório crítico, anual, do trabalho desenvolvido.  |

Tabela 11. Competências do Cargo de Directora de Turma

### 3.4.5. Caracterização das turmas (datada de Maio 2011)

#### a) 5º ano, Turma B

Os alunos desta turma, residem nas aldeias limítrofes da Cidade, à excepção de um aluno que habita no Sabugal.

De quinze alunos, apenas oito alunos desejam continuar a estudar e chegar ao Ensino Superior. Quatro alunos pretendem estudar até ao 9ºano e ingressar num Curso Profissional. Os restantes alunos não sabem.



1. Número de alunos da turma: **15 alunos**
2. Por média de idades dos discentes: **10 anos**
3. Por sexo:

| Rapazes  | Raparigas |
|----------|-----------|
| <b>8</b> | <b>7</b>  |

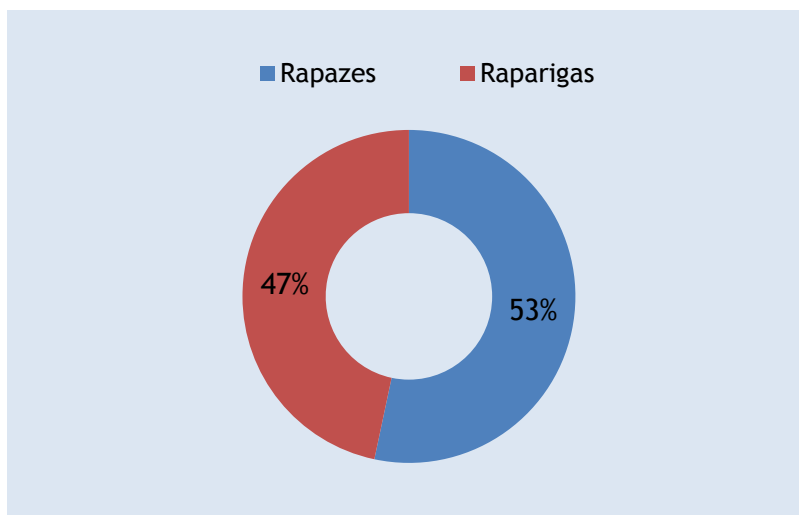


Gráfico 5. Percentagem por sexo da turma B do 5º ano.

4. Alunos com NEE - Necessidades Educativas Especiais: **1 aluno**

Nota: Os alunos com Necessidades Educativas Especiais são integrados no ensino normal (regime normal) mas sujeitos a uma Modalidade especial de educação e de apoio escolar.

5. Média de nível etário dos Encarregados de Educação

Pais: **39 anos**

Mães: **39 anos**

6. Nível de escolaridade dos Encarregados de Educação

| Nível | 3º | 4º | 5º | 6º | 7º | 9º | 12º | Outros       |
|-------|----|----|----|----|----|----|-----|--------------|
| Paí   | 1  | 4  | -  | 3  | 1  | 4  | 1   | S/estudos: 1 |
| Mãe   | -  | 2  | 1  | 2  | 1  | 3  | 5   | S/estudos: 1 |

### b) 6º ano, Turma B

Onze alunos desta turma, residem nas aldeias limítrofes do Sabugal, os restantes 7, vivem na cidade.

Dos 18 alunos da turma, quinze pretendem continuar os estudos e eventualmente enveredar por um curso superior. Um dos alunos é de etnia cigana. Consequentemente, atendendo a vida nómada dos pais do aluno, este ausenta-se da escola por períodos longos e indeterminados. Apresenta dificuldades nas competências verbais e não verbais, falta de pré-requisitos, não sabe ler, nem escrever correctamente. Foi solicitada em Conselho de Turma a sua integração em Curriculum Específico Individual e a continuidade na Terapia da Fala. Um



outro aluno, de origem espanhola, apresenta falta de concentração e de atenção, parca aquisição e aplicação de conhecimentos, falta de hábitos e métodos de trabalho.

1. Número de alunos da turma: **18 alunos**
2. Por média de idades dos discentes: **11 anos**
3. Por sexo:

| Rapazes   | Raparigas |
|-----------|-----------|
| <b>11</b> | <b>7</b>  |

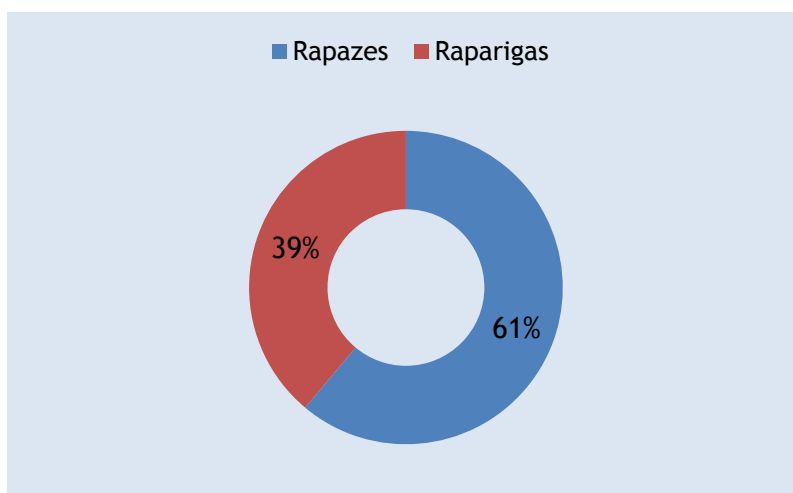


Gráfico 6. Percentagem por sexo da turma B do 6º ano.

4. NEE - Necessidades Educativas Especiais: **2 alunos**

Nota: NEE - São alunos com Necessidades Educativas Especiais, integrados no ensino normal (regime normal) mas sujeitos a uma Modalidade especial de educação e a apoio escolar.

5. Média de nível etário dos Encarregados de Educação

Pais: **46 anos**

Mães: **43 anos**

6. Nível de escolaridade dos Encarregados de Educação

| Nível | 1º | 3º | 4º | 6º | 7º | 8º | 9º | 12º | Curso Superior | Outros                         |
|-------|----|----|----|----|----|----|----|-----|----------------|--------------------------------|
| Pai   | 1  | 1  | 5  | 2  | 2  |    | 3  | 2   | -              | Desaparecido: 1<br>Não sabe: 1 |
| Mãe   |    | 1  | 7  | -  | -  | 1  | 5  | -   | 2              | S/estudos: 1<br>Falecida: 1    |

### c) 7º ano, Turma C

Dos alunos desta turma, apenas quatro residem no Sabugal. Todos os outros habitam nas aldeias contíguas.

Esta turma é caracterizada pelo fraco empenho e rendimento nas actividades escolares apresentando interesses divergentes dos escolares, devido ao número de alunos



integrados em famílias disfuncionais (à excepção de 2 alunos que coabitam junto com os pais e irmãos). Todos os outros vivem com avós, tios, familiares, com madrasta ou padrasto. Existiam casos de pais imigrados, pais divorciados, e ainda um caso circunscrito pela Comissão de Protecção de Menores (Abuso sexual).

Um dos alunos, apesar de se encontrar dentro da escolaridade obrigatória, pretende abandonar a escola; 5 alunos pretendem prosseguir os estudos e seguir para a Universidade, os restantes ainda não sabem.

1. Número de alunos da turma: **17 alunos**  
(dos quais, dois (2) referenciados por abandono escolar).

2. Por média de idades dos discentes: **13 anos**

3. Por sexo:

| Rapazes | Raparigas |
|---------|-----------|
| 12      | 5         |

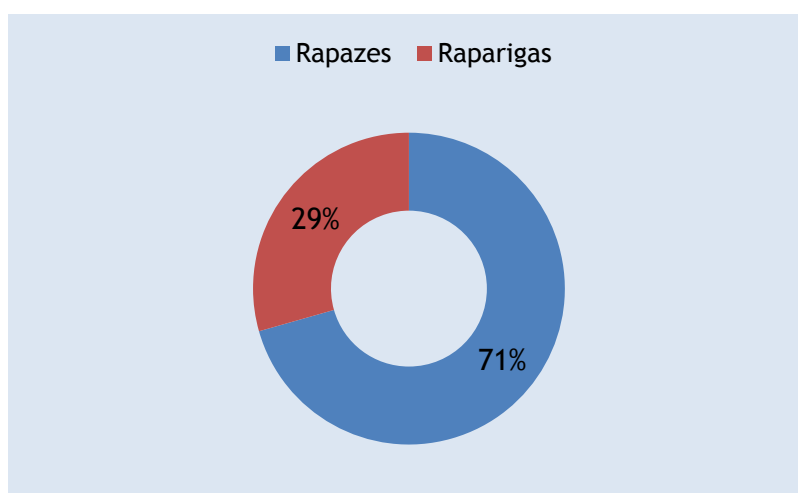


Gráfico 7. Percentagem por sexo da turma C do 7º ano.

4. NEE - Necessidades Educativas Especiais: **2 alunos**

5. Média de nível etário dos Encarregados de Educação

Pais: **45 anos**

Mães: **41 anos**

6. Nível de escolaridade dos Encarregados de Educação

| Nível | 1º | 4º | 6º | 9º | 10º | 11º | 12º | Outros          |
|-------|----|----|----|----|-----|-----|-----|-----------------|
| Pai   | 1  | 6  | 2  | 5  | -   | 1   | 1   | Faleceu:1       |
| Mãe   | 3  | 3  | 1  | 4  | 2   | -   | 3   | Desconhecido: 1 |



#### d) 8º ano, Turma A

A turma é formada por alunos, cuja proveniência é a cidade do Sabugal onde residem sete alunos e os restantes treze nas aldeias limítrofes.

Devido ao meio em que estão inseridos os alunos no seu conjunto demonstram horizontes pouco vastos, poucos saberes culturais e poucos conhecimentos geográficos para além do Concelho (de modo geral), que outros alunos do país conseguem superar por habitarem em grandes centros e comunidades escolares onde o acesso aos meios culturais, aos media e a novas tecnologias se realiza com maior facilidade e incidência.

Cinco destes alunos demonstram capacidades. Pretendem, continuar a estudar e eventualmente concluir um curso superior. Quatro planeiam terminar apenas o 9º ano e começar a trabalhar. Oito têm vontade de se inscreverem num curso profissional ou CEF - Curso de Educação e Formação de jovens, depois de terminarem o 9º ano e os restantes não têm perspectivas de futuro.



*Figura 23. A turma do 8º ano, Turma A e a Professora/Directora de Turma no exterior da Escola Secundária do Sabugal.*

1. Número de alunos da turma: **21 alunos** (1 Abandono escolar)

Nota: Não foi contabilizada nos restantes itens, a aluna com abandono escolar.

2. Por média de idades dos discentes: **13 anos**

3. Por sexo:

| Rapazes | Raparigas |
|---------|-----------|
| 7       | 14        |

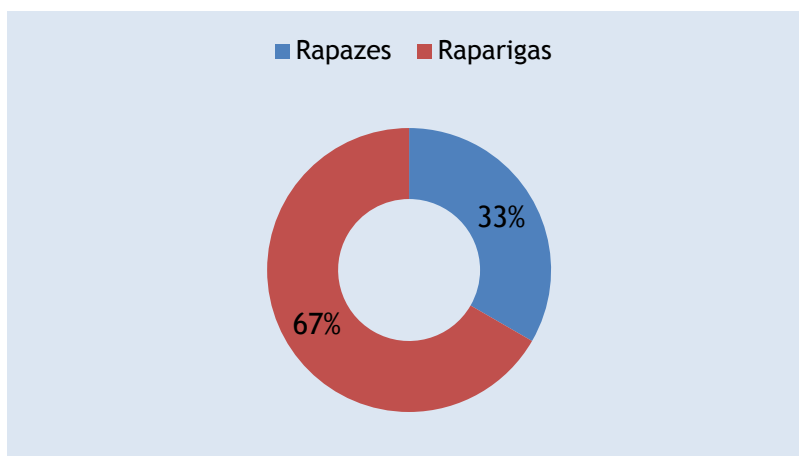


Gráfico 8. Percentagem por sexo à turma de A do 8ºano.

4. Alunos com NEE - Necessidades Educativas Especiais: **1 aluno**

5. Média de nível etário dos Encarregados de Educação

Pais: **45 anos**

Mães: **44 anos**

Nota: Os avós de um aluno de (80 e 73 anos) foram considerados como pais (ambos falecidos) para efeitos de estatística no PCT, por decisão do Conselho de turma.

6. Nível de escolaridade dos Encarregados de Educação (2º alunos)

| Nível | S/ estudos | 1º | 4º | 5º | 6º | 8º | 9º | 11º | 12º | Curso Superior | Outros           |
|-------|------------|----|----|----|----|----|----|-----|-----|----------------|------------------|
| Pai   | 1(avô)     | 2  | 5  | 1  | 5  | -  | 1  | 1   | 3   | -              | 1 desconhecido   |
| Mãe   | 1(avó)     | -  | 4  | 2  | 5  | 3  | 2  | -   | 1   | 1              | 1 estudou França |

Nota: Os pais da aluna nº 21 não foram contabilizados.

### e) 9º ano, Turma B

Todos os alunos residem fora do Sabugal e 5 deles viviam no seio de famílias monoparentais ou irregulares.

A turma é constituída por 18 alunos, no entanto, apenas 6 (seis) estão inscritos à disciplina de Educação Visual. Têm aulas ao mesmo tempo que o 9ºC (9 alunos), na mesma sala, com a mesma professora. Destes alunos apenas um não era repetente. São alunos problemáticos na generalidade das disciplinas com interesses divergentes dos escolares. Pouco empenhados e pouco trabalhadores necessitam constantemente do incentivo da professora para terminar as tarefas dentro dos prazos previstos.

Quanto ao desejo de prosseguir os estudos, um quer deixar de estudar, três pretendem matricular-se em cursos profissionais, um não sabe e uma aluna pretende concluir um curso universitário.



1. Número de alunos da turma de Educação Visual: **6 alunos** (Total: 18 alunos)

2. Por média de idades dos discentes: **14 anos**

3. Por sexo:

| Rapazes | Raparigas |
|---------|-----------|
| 4       | 2         |

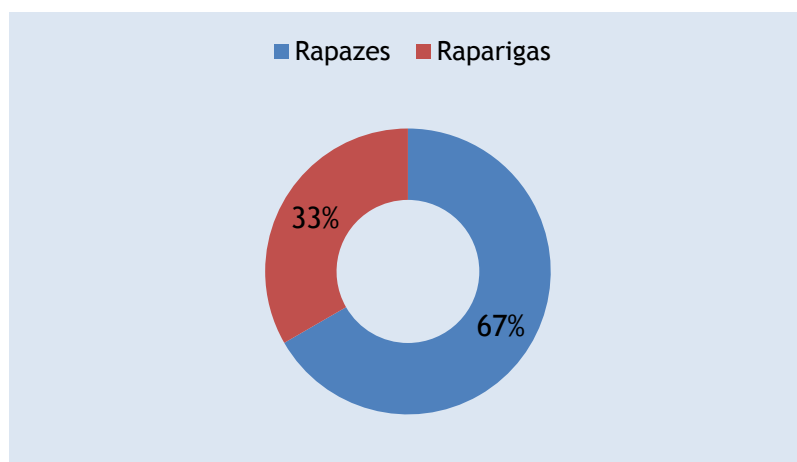


Gráfico 9. Percentagem por sexo da turma B do 9º ano.

4. Alunos com NEE - Necessidades Educativas Especiais: **1 aluno**

5. Média de nível etário dos Encarregados de Educação

Pais: **44 anos**

Mães: **40 anos**

6. Nível de escolaridade dos Encarregados de Educação

| Nível | 4º | 5º | 6º | 8º | 9º | 12º | Curso Superior |
|-------|----|----|----|----|----|-----|----------------|
| Pai   | 1  | 1  | 2  | -  | 1  | 1   | -              |
| Mãe   | -  | -  | 1  | 1  | 1  | 2   | 1              |

### f) 9º ano, Turma C

Residem todos em aldeias limítrofes ao Sabugal.

A turma é constituída por 17 alunos, no entanto, apenas 10 (nove) estão inscritos à disciplina de Educação Visual. Têm aulas ao mesmo tempo que o 9ºB (6 alunos), na mesma sala, com a mesma professora. Leccionei em 2008/2009 e 2009/2010 a mesma disciplina a estes discentes. Foram alunos, empenhados, motivados e trabalhadores à excepção de um deles que demonstrava pouco empenho e trabalho.

Nesta turma sete alunos pretendem continuar os estudos até concluir um curso superior. Um deseja concluir o 12º ano e eventualmente inscrever-se num curso profissional. Apenas um aluno (já repetente) pretende começar a trabalhar assim que lhe for permitido abandonar a escola.



1. Número de alunos da turma de Educação Visual: **10 alunos** (Total: 17 alunos)

2. Média de idades dos discentes: **14 anos**

3. Sexo:

| Rapazes  | Raparigas |
|----------|-----------|
| <b>6</b> | <b>4</b>  |

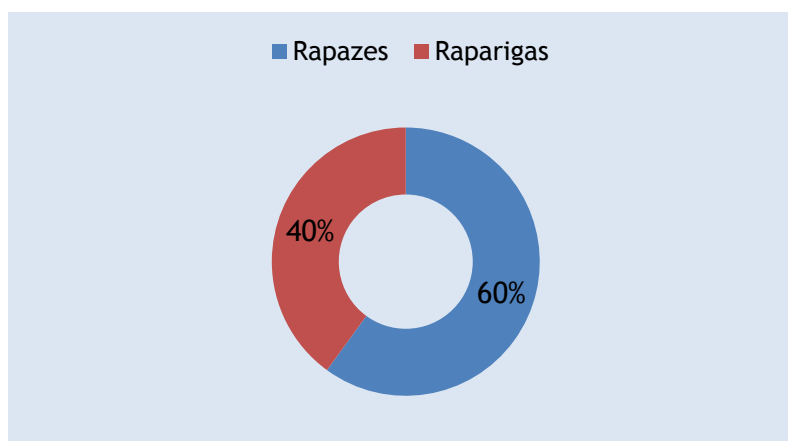


Gráfico 10. Percentagem por sexo da turma C do 9ºano.

4. Alunos com NEE - Necessidades Educativas Especiais: **Não se aplica**

5. Média de nível etário dos Encarregados de Educação

Pais: **45 anos**

Mães: **42 anos**

6. Nível de escolaridade dos Encarregados de Educação

| Nível | 3º | 4º | 5º | 6º | 9º | 11º | 12º | Curso Superior | Outros |
|-------|----|----|----|----|----|-----|-----|----------------|--------|
| Pai   | -  | 2  | -  | 2  | 5  | 1   | -   | -              | -      |
| Mãe   | -  | -  | -  | 3  | 4  | -   | 1   | 1              | -      |

### g) GPE - Gestão e Produção de Evento (equivalente ao 12º ano - Secundário)

Dos alunos desta turma, 6 (seis) residem no Sabugal, os restantes vivem nas aldeias circundantes.

Quanto às perspectivas futuras, quatro alunos pretendem ingressar no mercado de trabalho. Cinco pretendem tirar outro curso profissional. Dois estão decididos a tentar o ingresso num curso superior no Porto. Seis ainda não decidiram o que fazer no futuro. Apesar de terem concluído o curso não pretendem exercer esta actividade profissional.

1. Número de alunos da turma: **17 alunos**

2. Por média de idades dos discentes: **18 anos**



## 3. Por sexo:

| Rapazes | Raparigas |
|---------|-----------|
| 9       | 8         |

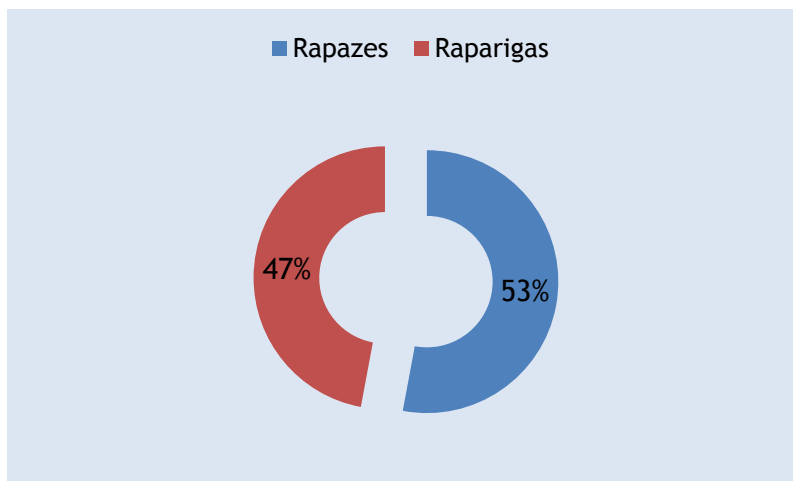


Gráfico 11. Percentagem por sexo da turma de TOEV.

4. Alunos com NEE - Necessidades Educativas Especiais: **Não se aplica**

## 5. Média de Idades dos Encarregados de Educação

Pais: 44 anos

Mães: 44 anos

## 6. Nível de escolaridade dos Encarregados de Educação

| Nível | 4º | 6º | 7º | 9º | 10º | 12º | Bacharel | Outros         |
|-------|----|----|----|----|-----|-----|----------|----------------|
| Pai   | 7  | 3  | 2  | 3  | -   | 1   | -        | Desconhecido:1 |
| Mãe   | 5  | 2  | -  | 6  | 1   | 2   | 1        | -              |

### 3.4.6.1. Sucesso/Insucesso escolar às disciplinas leccionadas - Resultados

No Básico, planificam-se e executam-se estratégias para manter no ensino, alunos a quem não lhes interessa a escola, procura-se a todo o custo continuar a reduzir o abandono escolar e promove-se a redução da taxa de retenção. O termo Insucesso escolar é geralmente caracterizado pelo fraco rendimento escolar dos discentes, que pelas mais variadas razões não alcançam resultados satisfatórios no decorrer ou final de determinado período escolar e consequentemente, ficam retidos no ano. Os problemas mantêm-se até porque a educação, a cidadania e a cultura não se “tomam em porções”. À que alterar atitudes e comportamentos de alunos e de educadores.

Os Critérios de Avaliação às disciplinas Curriculares (Educação Visual, Educação Tecnológica e Gestão e Organização de Eventos) e disciplinas não Curriculares (Área-Projecto



e Formação Cívica) encontram-se nos Anexos do Relatório Profissional, juntamente com as Planificações às disciplinas. As Formas e Instrumentos de Avaliação gerais implementados ao longo do ano lectivo, são os seguintes:

#### a) Avaliação Diagnóstica

Averiguar no início do ano lectivo ou de um Módulo (no caso dos cursos Profissionais) a posição dos alunos, face às novas aprendizagens que lhes serão propostas e conhecer até que ponto estão consolidadas as aprendizagens anteriores.

#### b) Avaliação Formativa

Realizar-se á ao longo do ano e consiste na recolha de informação relativa aos vários domínios de aprendizagem. Terá como objectivo informar os alunos, os professores e encarregados de educação do processo de aprendizagem do aluno. Irá traduzir-se de forma descritiva e qualitativa. Os instrumentos de avaliação serão testes formativos, sumativos, pequenos trabalhos de investigação e registos das execuções dos alunos.

#### c) Avaliação Sumativa

Os resultados finais de cada período e Ano Lectivo numa escala quantitativa de um a cinco valores para cada disciplina são afixados em pauta, excepto às disciplinas não curriculares (Área Projecto e Formação Cívica) os quais são avaliados qualitativamente. Esta avaliação terá sempre em conta a avaliação formativa e irá definir a decisão de progressão do aluno no final do ano lectivo.

Nota: Quanto às Menções qualitativas de disciplinas como Área-Projecto e Estudo Acompanhado encontram-se nos Anexos.

#### a) 5º ano, Turma B

À disciplina de Área-Projecto os alunos são avaliados em 3 períodos, com uma menção qualitativa. A disciplina é leccionada em conjunto com par pedagógico. Todos os alunos tiveram no final do ano lectivo uma avaliação qualitativa positiva à disciplina de Área-Projecto.

Quanto à avaliação global das disciplinas: Transitaram todos os alunos.

|           | 1º Período    | 2º Período    | 3º Período    |
|-----------|---------------|---------------|---------------|
| Alunos Nº | Área-Projecto | Área-Projecto | Área-Projecto |
| 1         | ST            | ST            | ST            |
| 2         | ST            | ST            | ST            |
| 3         | SB            | SB            | SB            |
| 4         | ST            | ST            | ST            |
| 5         | ST a)         | ST a)         | ST a)         |
| 6         | ST            | SB            | SB            |



|   |    |    |    |
|---|----|----|----|
| 7   | ST | ST | ST |
| 8   | SB | SB | SB |
| 9   | SB | SB | SB |
| 10  | ST | ST | SB |
| 11  | ST | SB | SB |
| 12  | ST | ST | ST |
| 13  | ST | ST | ST |
| 14  | SB | SB | SB |
| 15  | SB | SB | SB |
| 16  | ST | ST | ST |
| NS - Não Satisfaz ST - Satisfaz SB - Satisfaz Bem |    |    |    |

a)NEE - O aluno é avaliado ao abrigo do Decreto-Lei 3/2008, com Currículo Específico Individual.

Nota: A Avaliação dos alunos a esta disciplina é Qualitativa. No entanto é contabilizada como quantitativa, na retenção do aluno (caso necessário).

Tabela 12. Avaliação qualitativa à disciplina de Área-Projecto do 5ºB.

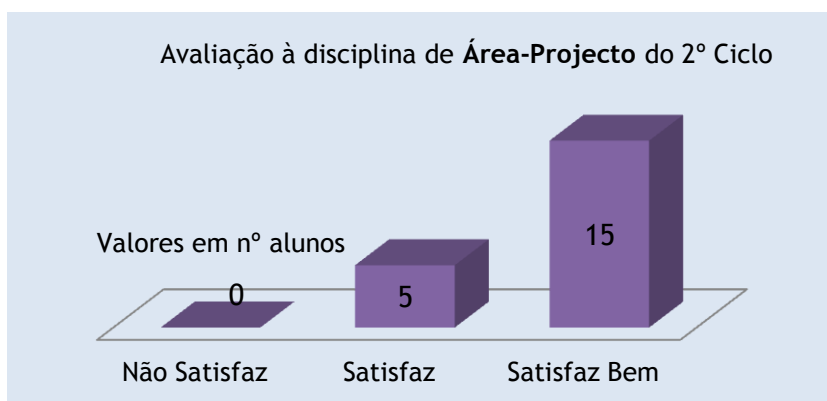


Gráfico 12. O nº de alunos do 5ºB com a menção quantitativa de Satisfaz Bem no final do ano lectivo é de 15 para 5, com a menção de Satisfaz. O Balanço foi positivo.

### a) 6º ano, Turma B

À semelhança do 5º ano, à disciplina de Área-Projecto os alunos são avaliados em 3 períodos, com uma menção qualitativa. A disciplina é leccionada em conjunto com par pedagógico.

Todos os alunos tiveram no final do ano lectivo uma avaliação qualitativa positiva à disciplina de Área - Projecto.

Quanto à avaliação global das disciplinas: Não transitou um aluno, dezassete transitaram de ano.

|           | 1º Período    | 2º Período     | 3º Período    |
|-----------|---------------|----------------|---------------|
| Alunos Nº | Área-Projecto | Área- Projecto | Área-Projecto |
| 1         | SB            | SB             | SB            |
| 2         | ST            | ST             | ST            |
| 3         | SB            | ST             | SB            |
| 4         | ST            | ST             | ST            |
| 5         | SB            | SB             | SB            |
| 6         | SB            | SB             | SB            |



|   |    |    |    |
|---|----|----|----|
| 7   | ST | ST | ST |
| 8   | SB | SB | SB |
| 9   | SB | SB | SB |
| 10  | ST | ST | ST |
| 11  | SB | SB | SB |
| 12  | SB | SB | SB |
| 13  | SB | SB | SB |
| 14  | ST | ST | ST |
| 15  | ST | ST | SB |
| 16  | ST | ST | ST |
| 17  | ST | ST | ST |
| 18  | SB | SB | SB |
| NS - Não Satisfaz ST - Satisfaz SB - Satisfaz Bem |    |    |    |

a)NEE - Os alunos são avaliados ao abrigo do Decreto-Lei 3/2008, com Currículo Específico Individual.

Nota: A Avaliação dos alunos a esta disciplina é Qualitativa. No entanto é contabilizada como quantitativa, na retenção do aluno (caso necessário).

Tabela 13. Avaliação Quantitativa à disciplina de Área-Projecto da turma 6ºB.

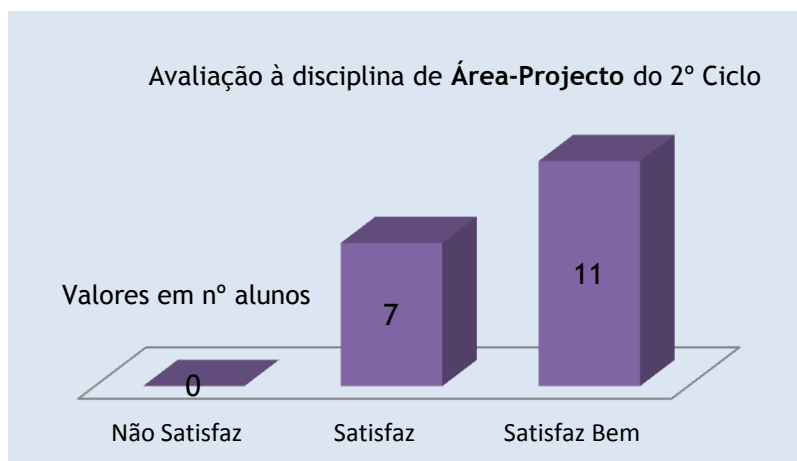


Gráfico 13. O nº de alunos com a menção quantitativa de Satisfaz Bem no final do ano lectivo é de 11 para 7, com a menção de Satisfaz. O Balanço é positivo.

### c) 7º ano, Turma C

A disciplina de Educação Visual é anual e a avaliação surge a cada período quantitativamente.

Quanto à disciplina de Educação Tecnológica é semestral, e reveza-se com Educação Musical ou Pintura, sendo a turma dividida em dois grupos. A avaliação do 1º grupo a esta disciplina é efectuada após o 1º Período <sup>c)</sup>, em Fevereiro de 2011, altura em que são invertidos os turnos.

Todos os alunos tiveram no final do ano lectivo uma avaliação qualitativa positiva à disciplina de Educação Tecnológica e uma avaliação quantitativa positiva à disciplina de Educação Visual.



Quanto à avaliação global das disciplinas: Um aluno foi transferido; não transitaram cinco alunos (dois por abandono escolar e três por falta de aproveitamento); onze transitaram de ano.

| Alunos N° | 1º Período      |                        | 2º Período      |                        | 3º Período      |                        |
|-----------|-----------------|------------------------|-----------------|------------------------|-----------------|------------------------|
|           | Educação Visual | Educação * Tecnológica | Educação Visual | Educação * Tecnológica | Educação Visual | Educação * Tecnológica |
| 1         | 3               | -                      | 4               | ST                     | 4               | 3                      |
| 2         | 3               | 3 <sup>c)</sup>        | 4               | -                      | 3               | 3                      |
| 3         | 3               | -                      | 4               | ST                     | 4               | 3                      |
| 4         | 4               | -                      | 4               | ST                     | 4               | 3                      |
| 5         | 4               | 3 <sup>c)</sup>        | 3               | -                      | 3               | 3                      |
| 6         | 3               | -                      | 4               | ST                     | 4               | 3                      |
| 7         | Transferido     | Transferido            | Transferido     | Transferido            | Transferido     | Transferido            |
| 8         | a)              | 3 <sup>c)</sup>        | a)              | ST                     | a)              | 3                      |
| 9         | 4               | -                      | 3               | ST                     | 3               | 3                      |
| 10        | 3               | -                      | 3               | ST                     | 3               | 3                      |
| 11        | 3               | 3 <sup>c)</sup>        | 3               | -                      | 3               | 3                      |
| 12        | 3               | 3 <sup>c)</sup>        | 3               | -                      | 4               | 3                      |
| 13        | 4               | -                      | 3               | ST                     | 3               | 3                      |
| 14        | 4               | 3 <sup>c)</sup>        | 4               | -                      | 4               | 3                      |
| 15        | 3               | 3 <sup>c)</sup>        | 3               | -                      | 3               | 3                      |
| 16        | b)              | b)                     | b)              | b)                     | b)              | b)                     |
| 17        | b)              | b)                     | b)              | b)                     | b)              | b)                     |

a) Aluna NEE (Neste horário está a desempenhar funções de Ajudante auxiliar na Escola Primária - Orientação Profissional.

b) Os alunos não foram avaliados por falta de assiduidade. - Abandono escolar.

c) A avaliação a esta disciplina semestral é feita após o 1º Período, em Fevereiro de 2011.

Tabela 14. Avaliações às disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica da turma 7ºC.

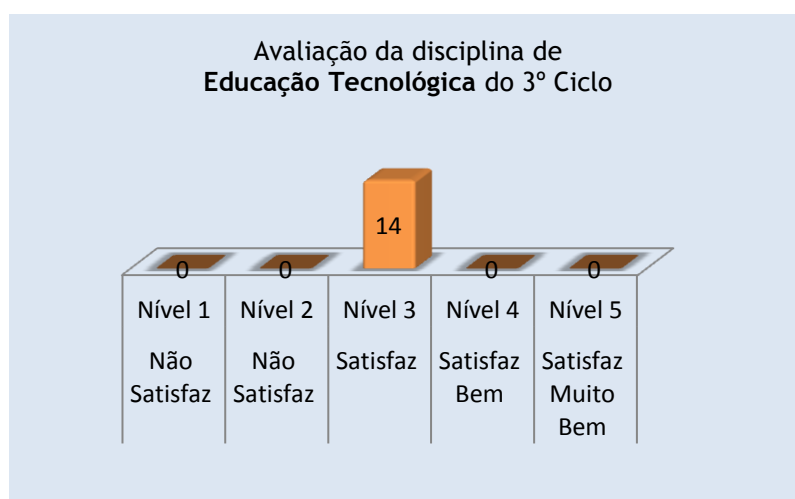


Gráfico 14. Os alunos do 7ºC, conseguiram atingir as competências da disciplina.

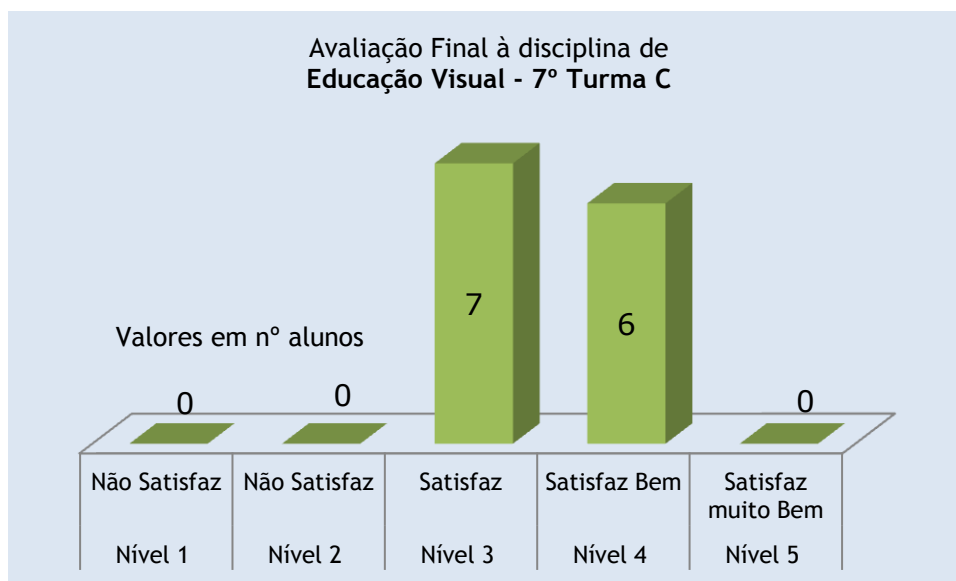


Gráfico 15. Os resultados a Educação Visual, foram considerados Bons, atendendo às circunstâncias dos alunos do 7ºC.

#### d) 8ºano - Turma A

A avaliação à disciplina de Educação Tecnológica é semestral, e reveza-se com Educação Musical ou Pintura, sendo a turma dividida em dois grupos. Duas destas três disciplinas são obrigatórias, a outra é opcional. A avaliação do 1º grupo a esta disciplina é efectuada após o 1º Período<sup>c)</sup>, em Fevereiro de 2011, altura em que são trocados os turnos.

Todos os alunos tiveram no final do ano lectivo uma avaliação qualitativa positiva à disciplina de Formação Cívica e uma avaliação quantitativa positiva à disciplina de Educação Tecnológica.

Quanto à avaliação global das disciplinas: Não transitaram de ano três alunos (um por abandono escolar e dois por falta de aproveitamento); Transitaram dezoito alunos.

| Alunos Nº | 1º Período             |                 | 2º Período             |                 | 3º Período             |                 |
|-----------|------------------------|-----------------|------------------------|-----------------|------------------------|-----------------|
|           | Educação * Tecnológica | Formação Cívica | Educação * Tecnológica | Formação Cívica | Educação * Tecnológica | Formação Cívica |
| 1         | -                      | ST              | ST                     | ST              | 3                      | ST              |
| 2         | -                      | ST              | ST                     | ST              | 3                      | SB              |
| 3         | -                      | SB              | ST                     | SB              | 5                      | SB              |
| 4         | -                      | ST              | SB                     | ST              | 4                      | SB              |
| 5         | -                      | ST              | ST                     | SB              | 3                      | SB              |
| 6         | -                      | SB              | ST                     | ST              | 3                      | SB              |
| 7         | -                      | ST              | ST                     | SB              | 3                      | SB              |
| 8         | -                      | ST              | SB                     | SB              | 3                      | SB              |
| 9         | -                      | ST              | SB                     | SB              | 3                      | SB              |
| 10        | -                      | ST              | SB                     | ST              | 4                      | SB              |
| 11        | -                      | ST              | ST                     | ST              | 3                      | SB              |
| 12        | 4 <sup>c)</sup>        | SB              | -                      | SB              | 4                      | SB              |
| 13        | 3 <sup>c)</sup>        | ST              | -                      | ST              | 3                      | ST              |



|                   |                 |              |    |                   |    |    |
|-------------------|-----------------|--------------|----|-------------------|----|----|
| 14                | 4 <sup>c)</sup> | SB           | -  | SB                | 4  | SB |
| 15                | 3 <sup>c)</sup> | ST           | -  | ST                | 3  | SB |
| 16                | 3 <sup>c)</sup> | ST           | -  | ST                | 3  | ST |
| 17                | 4 <sup>c)</sup> | SB           | -  | SB                | 4  | SB |
| 18                | 3 <sup>c)</sup> | SB           | -  | SB                | 3  | SB |
| 19                | 3 <sup>c)</sup> | ST           | -  | ST                | 3  | ST |
| 20                | a)              | a)           | a) | a)                | a) | a) |
| 21                | 3 <sup>c)</sup> | b)           | -  | ST                | 3  | ST |
| NS - Não Satisfaz |                 | S - Satisfaz |    | SB - Satisfaz Bem |    |    |

a) Aluna nunca compareceu às aulas. Abandono escolar.

b) O aluno ainda não constava da lista de alunos da turma no dia 23 de Dezembro (Avaliação do 1º Período).

c) A avaliação a esta disciplina semestral é feita após o 1º Período, em Fevereiro de 2011.

(\*) Disciplina Semestral, que se intercala com a Disciplina de Educação Musical e a disciplina de Pintura.

Tabela 15. Avaliações às disciplinas Educação Tecnológica e Formação Cívica da turma 8ªA.

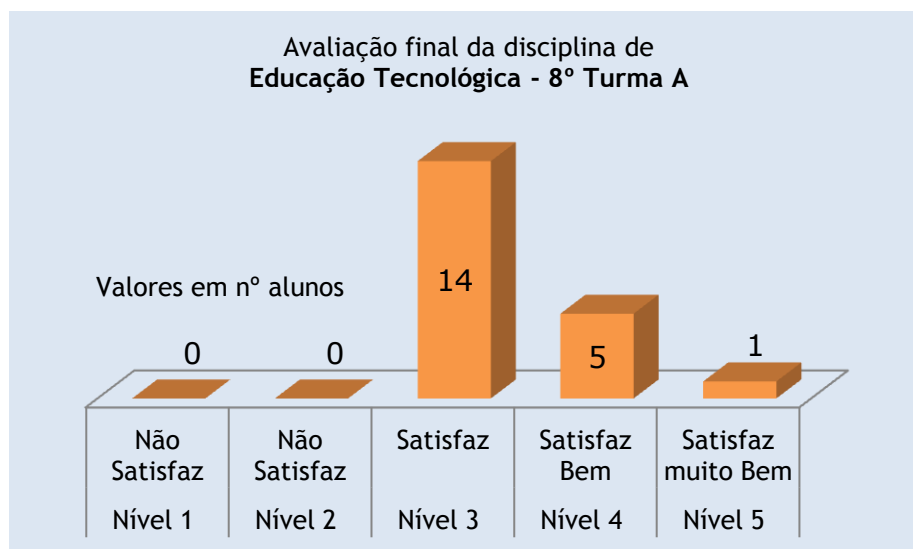


Gráfico 16. A maioria dos alunos da turma A, 8º ano teve nível 3.

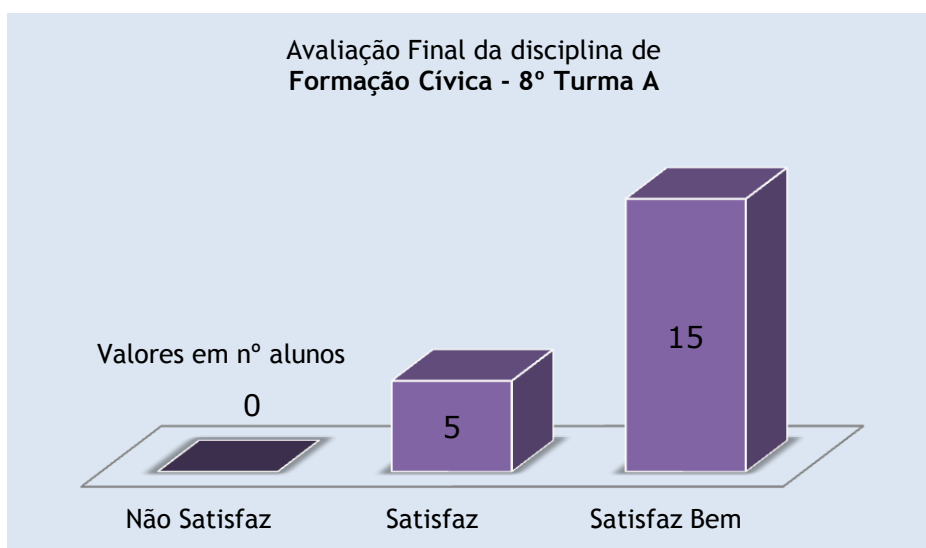


Gráfico 17. Os resultados foram considerados Muito Bons, a Formação Cívica, 8ªA.



Dos nove alunos sujeitos a Planos no Ano lectivo de 2010/2011, oito com Plano de Recuperação e um com Plano de Acompanhamento, sete transitaram de ano e dois não foram aprovados. Estes últimos, demonstraram falta de empenho, de trabalho, de responsabilidade e de material ao longo do ano, na generalidade das disciplinas. A falta de assiduidade crescente contribuiu de forma acentuada para os resultados finais. Isto porque apesar das constantes advertências dos professores, dos próprios colegas e da Directora de turma, os dois alunos persistiram em comportamentos e atitudes. Foram sujeitos a PIT - Plano de trabalho Individual, devido ao número de faltas apresentadas, no final das avaliações do 2º período, mas tanto um como o outro não compareceram conforme o previsto para a sua conclusão e respectiva avaliação. Resta acrescentar que os Encarregados de Educação estiveram ao corrente de toda a situação, tendo contactado a Directora de Turma por diversas vezes e vice-versa no sentido de colmatar problemas e encontrar soluções que se revelaram infrutíferas.

Nota: Esta apreciação generalizada foi realizada devido ao facto desta turma corresponder ao cargo atribuído pela Direcção da escola: Direcção de turma.

### e) 9ºano - Turma B

Disciplina anual, avaliada quantitativamente.

Todos os alunos tiveram no final do ano lectivo uma avaliação quantitativa positiva à disciplina de Educação Visual.

Quanto à avaliação global das disciplinas Não transitaram três destes seis alunos.

|           | 1º Período      | 2º Período      | 3º Período      |
|-----------|-----------------|-----------------|-----------------|
| Alunos Nº | Educação Visual | Educação Visual | Educação Visual |
| 10        | 3 <sup>a)</sup> | 3 <sup>a)</sup> | 3 <sup>a)</sup> |
| 11        | 2               | 3               | 3               |
| 13        | 2               | 3               | 3               |
| 14        | 3               | 3               | 3               |
| 16        | 2               | 3               | 4               |
| 18        | 3               | 3               | 3               |

a) Aluno NEE, avaliado ao Abrigo do Dec. Lei nº3/2008, artº16, p.2

Tabela 16. Avaliações à disciplinas Educação Visual da turma 9ºB.

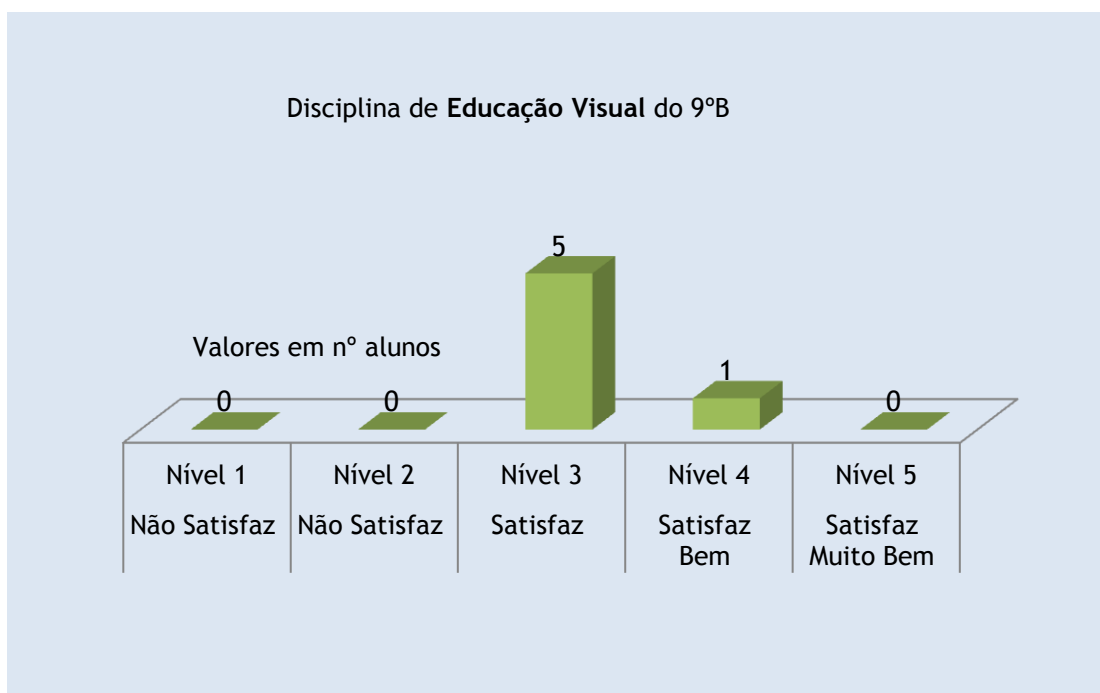


Gráfico 18. Os resultados foram positivos à disciplina de Educação Visual.

#### f) 9ºano - Turma C

Todos os alunos tiveram no final do ano lectivo uma avaliação quantitativa positiva à disciplina de Educação Visual.

Quanto à avaliação global das disciplinas Não transitou um destes nove alunos. Disciplina anual, avaliada quantitativamente.

|           | 1º Período      | 2º Período      | 3º Período      |
|-----------|-----------------|-----------------|-----------------|
| Alunos Nº | Educação Visual | Educação Visual | Educação Visual |
| 2         | 4               | 5               | 5               |
| 5         | 3               | 3               | 3               |
| 6         | 4               | 3               | 4               |
| 7         | 4               | 4               | 4               |
| 8         | 4               | 4               | 5               |
| 9         | 5               | 4               | 4               |
| 12        | 4               | 5               | 4               |
| 14        | 3               | 3               | 3               |
| 15        | 4               | 4               | 5               |

Tabela 17. Avaliações à disciplinas Educação Visual da turma 9ºC.

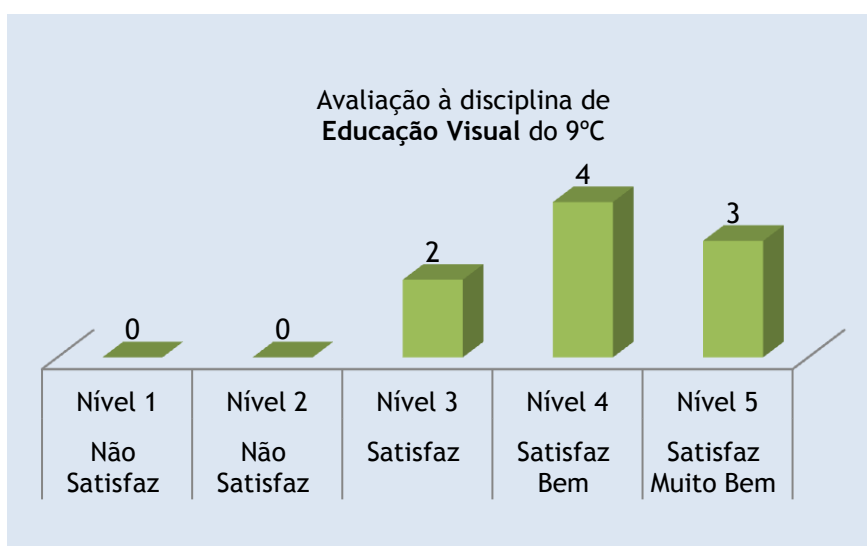


Gráfico 19. Os resultados bastante positivos à disciplina de Educação Visual.

### g) Gestão, Produção e Técnica de Eventos - GPE (3<sup>o</sup> ano )

A disciplina Gestão, Produção e Técnica de Eventos é avaliada por Módulos.

Para concluir o curso os alunos tinham de ter Aprovados, todos os módulos numa escala de 0 - 20 valores. Os módulos podem ser realizados em alturas diferentes do grupo - turma ou restantes colegas. Cada módulo só tem de respeitar o nº de horas que equivale a tempos lectivos que lhe estão atribuídos. As PAP's - Provas de Aptidão Profissional, (de um projecto concretizado num resultado, num evento ou numa actuação, bem como do respectivo relatório final de realização e apreciação crítica, demonstrativo de saberes e competências profissionais adquiridos ao longo da formação), foram todas entregues em papel e formato digital e defendidas publicamente com sucesso no dia 15 de Junho de 2010.

A classificação final de cada disciplina obteve-se pela média aritmética simples, arredondada às unidades, das classificações obtidas em cada módulo.

| Ao longo do ano lectivo 2010/2011 |                |                |                |                 |
|-----------------------------------|----------------|----------------|----------------|-----------------|
| Alunos Nº                         | Módulo VIII    | Módulo IX      | Módulo X       | Avaliação       |
| 1                                 | 15 (quinze)    | 12 (doze)      | 17 (dezassete) | <b>Aprovado</b> |
| 2                                 | 12 (doze)      | 13 (treze)     | 16 (dezasseis) | <b>Aprovado</b> |
| 3                                 | 13 (treze)     | 13 (treze)     | 15 (quinze)    | <b>Aprovado</b> |
| 4                                 | 16 (dezasseis) | 15 (quinze)    | 18 (dezoito)   | <b>Aprovado</b> |
| 5                                 | 12 (doze)      | 12 (doze)      | 14 (catorze)   | <b>Aprovado</b> |
| 6                                 | 10 (dez)       | 11 (onze)      | 13 (treze)     | <b>Aprovado</b> |
| 7                                 | 13 (treze)     | 13 (treze)     | 16 (dezasseis) | <b>Aprovado</b> |
| 8                                 | 14 (catorze)   | 16 (dezasseis) | 19 (dezanove)  | <b>Aprovado</b> |
| 9                                 | 10 (dez)       | 11 (onze)      | 13 (treze)     | <b>Aprovado</b> |
| 10                                | 14 (catorze)   | 10 (dez)       | 15 (quinze)    | <b>Aprovado</b> |
| 11                                | 11 (onze)      | 10 (dez)       | 13 (treze)     | <b>Aprovado</b> |
| 12                                | 10 (dez)       | 13 (treze)     | 14 (catorze)   | <b>Aprovado</b> |
| 13                                | 14 (catorze)   | 13 (treze)     | 16 (dezasseis) | <b>Aprovado</b> |
| 14                                | 12 (doze)      | 11 (onze)      | 14 (catorze)   | <b>Aprovado</b> |



|    |            |              |                |                 |
|----|------------|--------------|----------------|-----------------|
| 15 | 10 (dez)   | 11 (onze)    | 12 (doze)      | <b>Aprovado</b> |
| 16 | 13 (treze) | 14 (catorze) | 17 (dezassete) | <b>Aprovado</b> |
| 17 | 12 (doze)  | 11 (onze)    | 15 (quinze)    | <b>Aprovado</b> |

*Tabela 18. Avaliação por Módulos à disciplina de Gestão e Produção de Eventos. Todos os alunos concluíram o Curso de Técnicos de Organização de Eventos.*

A classificação final do curso obteve-se mediante a aplicação da seguinte fórmula:

$$CF = [2 MCD + (0,3 FCT + 0,7 PAP)]/3$$

sendo:

CF = classificação final do curso, arredondada às unidades;

MCD = média aritmética simples das classificações finais de todas as disciplinas que integram o plano de estudos do curso, arredondada às décimas;

FCT = classificação da formação em contexto de trabalho, arredondada às décimas;

PAP = classificação da prova de aptidão profissional, arredondada às décimas.





## Síntese Conclusiva

Numa perspectiva construtivista, é um dos meus desígnios, ensinar que o conhecimento é algo pessoal, construído pelo mesmo, na relação com os outros e com o meio, pelas suas experiências, delineando os seus próprios significados. A actividade docente decorre igualmente de uma construção contínua. Deverá estar aberta ao estudo, à reflexão, à investigação, a novas ideias, à inovação, sujeita à mudança, à aprendizagem constante, essencialmente colaborativa, entre colegas, com os alunos e restante comunidade. Para se aprender “mais e melhor” há necessidade de haver interesse pelo(s) assunto(s), concentração, empenho e motivação por parte do aprendiz. O indivíduo deverá ser detentor de uma atitude activa no seu processo de aprendizagem, ser independente e auto-regulado.

Concluindo, a elaboração deste relatório profissional, proporcionou-me uma reflexão de vida, uma viagem do passado ao presente, pautada por oportunidades que surgiram, umas perdidas, outras conquistadas, mas também procuradas. Da vida pessoal, não esperava tanto, mas tenho recebido muito e espero continuar por merecê-la. Relativamente à minha vida profissional, esperava mais, contudo parece-me sempre pouco. Por conseguinte, procuro manter-me actualizada e fomentar a ideia de que é importante conectar “pontos” que se encontram desconexos.

Como profissional, apreendi que o prazer resultante da actividade, geralmente é proporcional aos resultados obtidos. No percurso das nossas vidas, perseguimos sonhos, traçamos rumos, alcançamos metas, procuramos causas. No desenvolvimento deste trabalho, ficou claro que não irei esgotar de imediato o tema deste relatório. Ao investigar, descobri facetas profissionais, memórias, valores e pensamentos até então desconhecidos, inclusivamente do meu progenitor, o que motivou e despoletou em mim a necessidade de procurar e documentar o seu percurso. Ao visitar o passado, permitiu-me entender melhor o presente e delinear perspectivas futuras. A obra que ele deixou em vida é também alheia à grande maioria dos designers portugueses. Como tal, a médio ou a longo prazo, auto-proponho um desafio: o lançamento de uma publicação, uma colectânea de artigos seus e obras inacabadas só tornariam mais valiosa a história do design português.





# Índice de Anexos

## **Anexo 1. Curriculum Vitae**

## **Anexo 2. Horário de Docente - Agrupamento de Escolas do Sabugal - Ano lectivo 2010/2011**

**Anexo 3. Definição de Objectivos Individuais do Pessoal Docente** segundo Decreto - Regulamentar N° 2 2008, de 10-01-2008 - Art° 8° e 9°). Grelha de Objectivos Individuais do Pessoal Docente (Decreto - Regulamentar N° 2/2008, de 10 de Janeiro).

*Na sequência da publicação do Decreto Regulamentar n° 1-A/2009 de 5 de Janeiro, relativa ao regime de avaliação de desempenho, devem os Professores do Ensino Básico e Secundário, proceder à entrega de objectivos individuais, no Gabinete de Direcção da escola onde leccionam. No caso dos Docentes Contratados esta entrega é de periodicidade anual.*

Entregue a 22 de Julho à Direcção Executiva do Agrupamento de Escolas do Sabugal.

## **Anexo 4. Relatório de Avaliação de Desempenho, Auto-Avaliação**

## **Anexo 5. Relatório Crítico Anual de Direcção de Turma**

*O Decreto Regulamentar n° 10/99 de 21 de Julho prevê a apresentação do relatório crítico por parte dos Coordenadores das Estruturas Educativas, entre os quais se conta o cargo de Director de Turma.*

Entregue a 22 de Julho à Direcção Executiva do Agrupamento de Escolas do Sabugal.

## **Anexos 6. Áreas não Disciplinares**

Área - Projecto do 2° Ciclo, 5° e 6°s anos

Planificação, Conteúdos, Critérios de Avaliação e Aulas Previstas.

Formação Cívica, 3° Ciclo, 8° ano

Planificação, Conteúdos, Critérios de Avaliação e Aulas Previstas.

## **Anexos 7. Áreas Disciplinares**

Educação Visual, 3° Ciclo, 7° e 9°s anos

Planificação, Conteúdos, Critérios de Avaliação e Aulas Previstas.

Educação Tecnológica, 3° Ciclo, 7° e 8° ano

Planificação, Conteúdos, Critérios de Avaliação e Aulas Previstas.

## **Anexos 8. Curso Profissional**

Gestão e Produção de Eventos (3° ano = 12° ano)

Planificação, Conteúdos, Critérios de Avaliação e Aulas Previstas.

## **Anexos 9. Formação Contínua**

Quim no Ensino e Aprendizagem das Artes e das Expressões, GuardaRaia

Organização e Participação - Curso Profissional de Assistentes de Conservação e Restauro, na Igreja da Moita, Sabugal





## Webgrafia

<http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=174&doc=13028&mid=2>, acedido a 24.04.2011

[http://legislacao.min-edu.pt/np4/np3content/?newsId=4165&fileName=lei\\_85\\_2009.pdf](http://legislacao.min-edu.pt/np4/np3content/?newsId=4165&fileName=lei_85_2009.pdf),  
acedido a 24.04.2011

<http://www.suite101.com/content/how-nations-get-the-best-education-systems-a309913>,  
acedido a 24.04.2011

<http://www.pordata.pt/Portugal>  
acedido a 03.10.2011

Bártolo, José em Blog “Reactor”, <http://reactor-reactor.blogspot.com/2008/03/portugal-material-de-propaganda-da-s.html> acedido a 02.08.2011

[https://www.ccdrc.pt/index.php?indicador\\_value=Indicadores+Demogr%C3%A1ficos&conc1\\_vale=Sabugal&tipo=concelho&option=com\\_content&view=article&id=242&Itemid=138&municip=78](https://www.ccdrc.pt/index.php?indicador_value=Indicadores+Demogr%C3%A1ficos&conc1_vale=Sabugal&tipo=concelho&option=com_content&view=article&id=242&Itemid=138&municip=78) atualizado em 26 de Agosto de 2011, acedido a 03.10.2011.

Almeida, Vitor, O Design em Portugal, um Tempo e um Modo, A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974, Faculdade de Belas Artes, Lisboa,  
[http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2485/1/ulsd059654\\_td\\_Anexos\\_Victor\\_Almeida.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2485/1/ulsd059654_td_Anexos_Victor_Almeida.pdf)  
Acedido a 1 de Setembro de 2011.

Acedidos em Dezembro de 2010:

<http://legislacao.min-edu>

<http://www.cpd.pt/681000/1/index.htm>, Memória do Design em Portugal

[http://www.portugal.gov.pt/pt/GC19/Portugal/SistemaPolitico/Constituicao/Pages/constituicao\\_p08.aspx](http://www.portugal.gov.pt/pt/GC19/Portugal/SistemaPolitico/Constituicao/Pages/constituicao_p08.aspx)

[http://www.oecd.org/document/3/0,3343,en\\_2649\\_37443\\_46084867\\_1\\_1\\_1\\_1,00.html](http://www.oecd.org/document/3/0,3343,en_2649_37443_46084867_1_1_1_1,00.html)



## Bibliografia

Costa, Daciano da. “**Design e Mal-Estar**”, Centro Português de Design, Lisboa, 1998

“Catálogo da 1ª Exposição de Design Português”, Feira Internacional de Lisboa, Realizada pelo INII - Instituto Nacional de Investigação Industrial e Interforma - Equipamento de Interiores, Imprimarte, Lisboa

“Catálogo da 2ª Exposição de Design Português”, Feira Internacional de Lisboa, Realizada pelo INII - Instituto Nacional de Investigação Industrial e Interforma - Equipamento de Interiores, Trama/Artes Gráficas, Lisboa